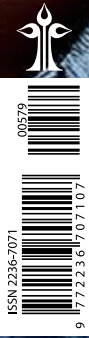


Exemplar avulso: R\$ 22,30



A MISSÃO DA CAPELANIA

O pastor escolar e as novas gerações

Além do púlpito

O adventismo na pós-modernidade

UMA REVISTA PARA PASTORES E LÍDERES DE IGREJA

MINISTÉRIO

MAI - JUN • 2025



A CAPA DO CAPELÃO



Milton Andrade
editor da revista
Ministério

A palavra “capelão” tem sua origem na história da capa de São Martinho.

Segundo a tradição, Martinho de Tours era um soldado romano quando encontrou um mendigo com frio e, movido pela compaixão, cortou sua capa ao meio para compartilhá-la. Mais tarde, teve um sonho em que viu Cristo vestindo a parte que havia dado ao pobre, o que levou à sua conversão. A metade preservada da capa tornou-se uma relíquia sagrada, guardada ao longo dos séculos por clérigos chamados *cappellani*, nome que deu origem ao termo “capela” (*cappella*), o local em que era mantida.

Com o tempo, os capelães passaram a ser nomeados pelos reis para celebrar missas, guardar relíquias e redigir documentos. Eles se tornaram conselheiros reais em assuntos eclesiásticos e seculares, e essa função se espalhou pelo Ocidente cristão. Atualmente, o papel do capelão não se restringe às monarquias, mas se faz presente em hospitais, escolas, prisões, equipes esportivas, forças armadas, entre outros contextos.

A história de São Martinho me lembra Eliseu, o jovem lavrador que recebeu de Elias a missão de continuar seu legado profético. A capa lançada por Elias no momento em que subiu ao Céu (2Rs 2:13) simbolizava não apenas o chamado divino, mas também o poder e a capacitação para cumprir a missão de curar e ensinar. Assim como Elias havia sido um líder espiritual em Israel, Eliseu deveria discipular uma nova geração para fazer a diferença no reino.

Eliseu tinha o perfil de um bom capelão. “Era um homem interessado nas pessoas, sempre amigável, simpático e pronto a ajudar” (*Comentário Bíblico Adventista* [CPB, 2012], v. 2, p. 956). Ao contrário de Elias, que tinha mensagens de condenação e juízo, Eliseu era um profeta pacífico. “A Inspiração o retrata como alguém que entrava em contato pessoal com o povo, rodeado pelos filhos dos profetas e levando cura e alegria por intermédio de seus milagres e seu ministério” (Ellen G. White, *Profetas e Reis* [CPB, 2021], p. 140). No entanto, embora fosse “manso e gentil, Eliseu possuía também disposição e firmeza. Cultivava o amor e temor a Deus e, na humilde rotina do trabalho diário, adquiria força de propósito e nobreza de caráter, crescendo na graça e no conhecimento divinos” (Ellen G. White, *Educação* [CPB, 2021], p. 41).

Eliseu, o profeta da paz, tornou-se a pessoa certa para “dividir a capa” com as novas gerações. Seu ministério foi fundamentado em dois pilares. O primeiro foi fortalecer as escolas dos profetas, localizadas em pontos estratégicos: Gilgal, Betel e Jericó. Essas unidades foram fundadas por Samuel e restabelecidas por Elias, com o objetivo de formar jovens para atuar na obra do Senhor. O segundo pilar foi levar cura e bênçãos às pessoas. Ele curou um leproso, ressuscitou o filho da sunamita, multiplicou alimentos, fez um machado flutuar e, até mesmo em seu sepulcro, fez os mortos reviverem.

Se você observar atentamente, verá que Eliseu é um tipo de Cristo, combinando o ministério duplo de ensino e cura. Como “profeta da graça”, ele deu um *spoiler* do que Jesus faria séculos depois. Não deveria ser este o perfil de um capelão do século 21: levar a Palavra e o alento aos outros? Deus quer, em Sua obra, capelães que sejam exemplos de caráter e de poder. Que cubram os desprezados, alimentem os famintos, ouçam os aflitos, confortem os enlutados, ensinem os inexperientes e amem os perdidos. Ou seja, pequenos cristos. Aceita dividir sua capa? ■

“
Deus quer,
em Sua obra,
capelães que
sejam exemplos
de caráter e
de poder.”



8

Além do púlpito

Josué Espinoza



18

O adventismo na pós-modernidade

Adolfo Suárez



14

O pastor escolar e as novas gerações

Antônio Tavela

22

Pureza e santidade

Ramon Canals



26

O Livro da Vida

Carlos Flávio e Kevin Oliveira



30

Da tristeza à esperança

Somalia Fernández



S U M Á R I O

Editorial	2
Entrelinhas	5
Entrevista	6
Ponto a ponto	33
Dicas de leitura	34
Palavra final	35

MINISTÉRIO

Uma publicação da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Ano 97 – Número 579 – Mai/Jun 2025
Periódico Bimestral – ISSN 2236-7071

Editor Milton Andrade
Editor Associado Márcio Tonetti
Revisoras Rose Santos e Rafaela Vitorino

Editor de Arte Thiago Lobo
Projeto Gráfico Fernando De Lima
Capa e layout Fábio Fernandes

Ministério na Internet
🌐 www.ministeriopastoral.com.br
f @revistaministerio
@revistaministerio
✉ @MinisterioBRA
✉ ministerio@cpb.com.br

Conselho Editorial
Lucas Alves; Josué Espinoza; Adolfo Suárez;
Marcos Blanco; Walter Steger; Eric Richter;
Pavel Goia; Jeffrey Brown; Adrián Bentancor;
Álvaro Cáceres; Claudiney Santos; Edison Choque;
Edmundo Cevallos; Elieser Vargas; Francisco
Abdoval; Javier López; José Wilson; Juan Vargas;
Guilherme Delgado; Levino Oliveira; Luciano
Salviano; Marcelo Carvalho; Milton Mayo;
Raídes Nascimento.

CASA PUBLICADORA BRASILEIRA



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106
Caixa Postal 34 – 18270-970 – Tatuí, SP

Presidente Uilson Garcia
Diretor Financeiro Diego Lottermann
Gerente Editorial Wellington Barbosa

Serviço de Atendimento ao Cliente
Ligue Grátis: 0800 979 06 06
Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 7h30 às 15h45
Domingo, das 8h30 às 14h
Site: www.cpb.com.br
E-mail: sac@cpb.com.br

Assinatura: R\$ 108,60
Exemplar Avulso: R\$ 22,30



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônicos, fotográficos ou sonoros, entre outros, *sem prévia autorização por escrito* da editora.



    /cpbeditora
CPB.COM.BR



Os melhores livros para toda a família

LIGUE GRÁTIS
0800-9790606
de telefone fixo ou celular

PEÇA PELO
WHATSAPP
15 98100-5073

VISITE UMA DE NOSSAS
20 LIVRARIAS
espalhadas pelo Brasil



Acesse e confira a
livraria mais próxima

Escreva para a MINISTÉRIO

 ministerio@cpb.com.br

Aa Utilize fonte
Arial, tamanho
12, espação 1,5

¹Ranko Stefanovic, *Plain Revelation* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2013), p. 46.

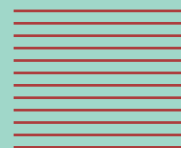
Insira **notas** de
fim de texto



Use a versão
bíblica **NAA**



Envie uma foto
pessoal em alta
resolução



Escreva textos de
8 mil até **12 mil**
caracteres com
espaços

Temáticas

- Teologia
- Missão
- Pregação
- Espiritualidade
- Saúde
- Administração
- Liturgia
- História da igreja



Lucas Alves
secretário ministerial
para a Igreja Adventista
na América do Sul

MINISTÉRIO RECONHECIDO



Deus criou o ser humano com diferentes habilidades, aspirações, gostos e dons. Isso significa que, em Seu grande e extraordinário plano, Deus coloca cada pessoa no lugar em que será mais útil. Essa verdade é evidenciada neste pensamento inspirado: “Tão certo como nos está preparado um lugar nas mansões celestiais, há também um lugar designado aqui na Terra onde devemos trabalhar para Deus” (Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* [CPB, 2022], p. 189). Não há dúvidas de que a expressão “lugar designado aqui na Terra” envolve habilidades e interesses que se alinham aos diferentes ministérios.

Diante de tantas possibilidades de serviço na igreja, há uma que merece especial atenção, reflexão e cuidado: o ministério da capelania adventista. Alguns se identificam com esse ministério no contexto educacional, atuando em escolas ou universidades para fortalecer a vida espiritual dos alunos com o apoio de líderes e professores dessas instituições. Outros descobrem que o ambiente hospitalar é seu campo de atuação mais promissor, pois se sentem chamados a promover a espiritualidade nas instituições médicas, ao mesmo tempo que incentivam o cuidado com os pacientes e lhes oferecem meios para conhecerem o Médico dos médicos. Além disso, há aqueles que exercem seu ministério em nossas casas publicadoras, fábricas de alimentos e centros de mídia, desempenhando um trabalho tão relevante quanto os que atuam em outras áreas.

A Divisão Sul-Americana reconhece o enorme potencial de nossas instituições, tanto em termos de cuidado pastoral quanto missionário. Diante do crescimento da igreja em todos os aspectos, é necessário que aqueles que atuam na capelania tenham maior preparo técnico, além de não perder de vista as necessidades espirituais daqueles que fazem parte dessas instituições. É fundamental lembrar que elas existem com um propósito missionário. Por isso, o ministério do capelão se torna altamente relevante, tendo uma dupla vocação: cuidar dos que estão dentro e alcançar aqueles que demonstram interesse em nossos serviços.

Ellen White escreveu: “A cada cristão é designada uma obra definida” (*Serviço Cristão* [CPB, 2022], p. 9). Levando em conta esse pensamento no contexto da capelania, fica evidente que não podemos desprezar o trabalho dos capelães que atuam em instituições de saúde, na área educacional, nas fábricas de alimentos e casas publicadoras, entre outros lugares. Eles devem ser hábeis no cuidado, na comunicação, no tato, no trabalho em equipe, na empatia e na confidencialidade, sem perder de vis-

ta a profundidade teológica e a íntima comunhão com Deus. Por meio desse ministério, muitos serão fortalecidos na fé e muitos outros serão alcançados para o Reino.

**“
Por meio desse
ministério, muitos
serão fortalecidos
na fé e muitos
outros serão
alcançados
para o Reino.
”**

Diante dessa realidade, não podemos nos esquecer de que “a cada um foi designada sua obra e ninguém pode substituir o outro. Cada um tem uma missão de admirável importância, a qual não pode ser negligenciada nem passada por alto, uma vez que seu cumprimento envolve o bem de alguém, e a negligência dessa pessoa pode ser a ruína de uma criatura por quem Cristo morreu” (Ellen G. White, *Serviço Cristão* [CPB, 2022], p. 10). ■



ENSINO PARA A ETERNIDADE



Adalton Martins Ferreira acumula 36 anos de dedicação à educação adventista, sempre atuando na capelania escolar. Sua trajetória inclui passagens por diversas instituições educacionais até chegar ao Colégio Adventista de Hortolândia, onde atende cerca de 1,4 mil alunos, além de oferecer apoio espiritual às famílias e aos colaboradores da unidade. Nesta entrevista, o pastor Adalton compartilha um pouco de sua experiência, destacando o papel essencial da capelania.

O que levou você a seguir carreira como capelão?

Essa é uma questão interessante. Quando saí do seminário, no antigo IAE, aceitei o chamado para ser professor de Bíblia e capelão em Cascavel (PR). Meu plano era permanecer na função por cerca de dois anos e, assim que me casasse, assumir um distrito pastoral. Dois anos depois, casei-me. No entanto, a essa altura, já havia sentido a confirmação do chamado para a área educacional. O pastor Ivanaudo Barbosa, presidente do campo na época, disse uma frase que foi decisiva para o meu ministério: “Não temos gente especializada na área educacional. Se você ficar, eu o apoiarei e vamos ordená-lo normalmente, como os demais”. Ouvir algo assim há 36 anos era incomum. Esse apoio se confirmou, pois, cinco anos depois, fui ordenado ao ministério. A necessidade de pastores especialistas na área me motivou a continuar. Isso fez toda a diferença.

Quais são os maiores desafios espirituais enfrentados pelos alunos hoje, e como a capelania pode abordá-los de maneira eficaz?

Dentre os desafios desta geração de alunos pós-modernos, percebo que, antes de oferecer apoio espiritual, é fundamental conquistar

o coração deles. Ou seja, ganhar sua confiança por meio da amizade e do respeito, tanto dos alunos quanto de seus pais. Aqui surge uma questão essencial: quando os pais conhecem o pastor da escola, torna-se mais fácil ministrar a espiritualidade. No entanto, isso só acontece após anos de permanência na mesma unidade. O pastor escolar não deve ter pressa de ser transferido, pois isso não é produtivo para professores, funcionários, pais e, principalmente, para

“Pais que são atendidos pelas visitas pastorais do capelão mantêm portas abertas a qualquer momento.”

os alunos. Quando o capelão conquista o coração da criança no maternal e permanece na unidade por oito ou nove anos, os pais valorizam essa estabilidade.

De que forma o capelão pode tornar suas mensagens mais envolventes e acessíveis para diferentes faixas etárias?

Atender às diferentes faixas etárias é um dos grandes desafios da capelania. Em um dia de capela, é preciso apresentar o mesmo assunto desde o maternal até o ensino médio – e isso é uma verdadeira jornada! Hoje, temos uma vantagem em relação ao tempo em que iniciei: há muitos projetos prontos, sugeridos pela Divisão Sul-Americana, à disposição. Cabe aos campos, juntamente com os capelães, adaptar esses projetos às diferentes faixas etárias. Nossos líderes de Educação, juntamente com as coordenadoras e orientadoras pedagógicas, têm dado grande apoio nesse aspecto. O capelão precisa estudar as necessidades de cada segmento e ajustar o conteúdo ao seu público. A comunhão com Deus e a parceria com a administração facilitam muito esse processo.

Quais estratégias podem ser adotadas para despertar o interesse das crianças e dos adolescentes pela vida devocional e pelo estudo da Bíblia?

As estratégias para despertar a espiritualidade em crianças e adolescentes estão fortemente ligadas à amizade. Cada idade tem suas particularidades, mas há algo simples e antigo que funciona muito bem: histórias bíblicas e atuais, bem contadas e com propósito, que atraem todos os públicos, inclusive os pais. O pastor escolar não precisa se preocupar em falar demais em formaturas, reuniões de pais, entre

outros eventos. Ele deve ser conhecido por sua pontualidade e presença. A escola não é um púlpito, mas, ao mesmo tempo, é uma “igreja”. No entanto, a didática utilizada nas congregações nem sempre funciona no ambiente escolar. Outra estratégia importante para despertar o senso espiritual nos jovens é a lei da repetição. À primeira vista, eles podem parecer dispersos quando falamos, mas, anos depois, ao retornarem à escola, costumam dizer: “Olha, aquela coisa que você falava na capela, hoje eu estou vivendo...”

“Uma pequena conversa, um pouco de atenção e uma oração fazem muita diferença.”

O trabalho da capelania vai muito além das capelas. Como você procura atender também aos pais e colaboradores da unidade?

Pais que são atendidos pelas visitas pastorais do capelão mantêm portas abertas a qualquer momento. Em todos esses anos, só tive uma única porta negada para uma visita. Quanto aos colaboradores da unidade, um dos segredos é ouvi-los em suas necessidades. Uma pequena conversa, um pouco de atenção e uma oração fazem muita diferença.

A capelania escolar ainda é vista por alguns aspirantes como apenas um ponto de transição no ministério?

Esse ainda é um desafio, mas, felizmente, a realidade está mudando. Hoje, por exemplo, os pastores escolares recebem auxílios equivalentes aos dos demais obreiros da área ministerial. A ordenação era outro ponto de divergência, mas isso já não ocorre. O obreiro escolar recebe o acompanhamento dos líderes ministeriais dos campos, o que lhe proporciona segurança. Assim, a ordenação torna-se uma questão de tempo, diferentemente do passado, quando um capelão poderia esperar até 15 anos para ser ordenado.

Você poderia compartilhar alguma experiência que marcou seu ministério como capelão?

Há dois anos, precisei realizar capelas on-line. Imagine a dificuldade de atrair crianças e adolescentes em plena pandemia! A orientadora da época sugeriu que criássemos personagens. Foi o que fizemos, e uma das professoras contracenava comigo. Várias histórias foram criadas, sempre com muita diversão e espiritualidade, sem perder o foco da missão dentro da pedagogia adventista. Após o período da crise sanitária, uma mãe quis conhecer o Joãozinho, um dos personagens, de quem sua filha tanto falava em casa. Como resultado dessa curiosidade, os pais aceitaram receber estudos bíblicos e foram batizados. Graças ao Espírito Santo e àquela iniciativa, colhemos frutos para a eternidade. ■

CAPA



Josué Espinoza
secretário ministerial
associado para a
Igreja Adventista na
América do Sul



ALÉM DO PÚLPITO

A importância da capelania, um ministério
que exige vocação, preparo e presença

O Ministério de Capelania Adventista foi criado com o propósito de restaurar integralmente as pessoas, conduzindo-as a uma vida plena em Cristo. Jesus declarou: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10:10). Essa promessa salvífica inclui a atuação de Deus por meio de Seus colaboradores na Terra, com a missão de abençoar, auxiliar e aliviar o sofrimento humano neste mundo marcado pelo pecado.

Diante das crescentes complexidades e fragilidades do mundo, esse ministério busca atender as necessidades atuais, exigindo vocação, experiência e preparo adequados. Por isso, a igreja reconhece a importância do Ministério de Capelania para os desafios do tempo presente.

O termo “capelão” tem origem no latim *capellani* e se refere àqueles que ministram, oferecem apoio e auxiliam no crescimento espiritual de outras pessoas. Isso inclui, especialmente, o cuidado espiritual e emocional em momentos de crise. “O vocábulo começou a ser utilizado para designar um clérigo que servia como ministro do monarca. Diferentemente dos párocos, ele não era responsável por uma paróquia, mas sim pela vida espiritual do rei e de sua corte. Investido de autoridade eclesiástica, também possuía uma capela.”¹ Com o tempo, essa concepção levou a atuação dos capelães a se concentrar, sobretudo,

“
O trabalho do capelão reflete o ministério compassivo de Jesus, que Se aproximava das pessoas e supria suas necessidades.”

em contextos institucionais. Essa visão, com adaptações e variações, permanece até hoje no âmbito das igrejas cristãs.

Capelania adventista

A missão do Ministério de Capelania Adventista é servir e restaurar as pessoas, conduzindo-as ao discipulado em Cristo.² O trabalho do capelão reflete o ministério compassivo de Jesus, que Se aproximava das pessoas e supria suas necessidades.

Espera-se que esses ministros possuam sensibilidade para lidar com as fragilidades humanas, aliada a uma formação avançada que os capacite a enfrentar os desafios de sua missão. Assim, o capelão atuará como provedor de cuidado espiritual, mediador, líder organizacional e especialista na integração entre a missão e o trabalho operacional. Esses aspectos são fundamentais, pois pessoas de diferentes culturas e crenças entram em contato com as instituições e são atendidas por elas.

O Ministério de Capelania reconhece que todos os seres humanos possuem uma dimensão espiritual, independentemente de sua crença ou prática religiosa. Isso exige que o capelão tenha um coração disposto e desenvolva habilidades para ministrar às pessoas respeitando sua individualidade. Nesse sentido, o Ministério de Capelania existe porque “as pessoas precisam de cuidado pastoral, mesmo que não pertençam a uma



A capelania hospitalar me proporcionou o privilégio de estar presente nos momentos mais marcantes da vida das pessoas: a indescritível alegria do nascimento de um bebê, a emoção de uma recuperação esperada com ansiedade ou a dor profunda de uma despedida.

Nesses instantes, quando as emoções estão à flor da pele, temos uma missão inabalável: levar palavras de consolo e esperança, ajudar cada pessoa a encontrar paz em meio à tempestade e reafirmar a certeza de que Deus continua no controle, mesmo quando um diagnóstico desafia a fé.

Além disso, somos agentes de transformação na clínica, levando valores de compaixão, empatia e serviço a cada colaborador. Trabalhamos lado a lado com médicos e enfermeiros para oferecer um atendimento integral, em que o cuidado espiritual é tão importante quanto o físico.

Diariamente, acompanhamos pessoas de diferentes crenças, oferecendo apoio sem impor nossa fé. Esses desafios nos impulsionam a nos apegarmos ainda mais ao braço onipotente de Deus e a permanecermos firmes na missão de ser luz na escuridão.

Carlos Zarate é capelão da Clínica Adventista Good Hope, em Lima, Peru, há dez anos.



Servir ao Senhor é sempre um grande privilégio, independentemente da área da Obra. No ministério pastoral hospitalar, destaco um desafio significativo: lidar diariamente com um turbilhão de emoções. Em um único dia, pode-se celebrar a alta de um paciente ou o nascimento de um bebê e também compartilhar a dor de alguém que recebeu um diagnóstico de doença terminal ou está enfrentando a perda de um ente querido.

Na capelania educacional, o grande desafio é conquistar a atenção de uma geração hiperconectada, constantemente estimulada por tecnologias e telas. Ainda assim, atuar nesse ministério proporciona um dos maiores privilégios: a oportunidade de crescer e amadurecer como pastor, graças ao dinamismo e à intensidade do trabalho, além da profunda dependência de Deus.

Daniel Almeida é capelão do Colégio Adventista Grão-Pará e atuou na capelania hospitalar por quatro anos.

igreja [...] e especialmente quando estão passando por uma crise”³

A Igreja Adventista tem trabalhado de forma persistente para oferecer direção clara e propósito ao Ministério de Capelania, visando um serviço mais amplo e eficaz em ambientes complexos. O Regulamento da Associação Geral declara: “Todos os capelães são pastores, embora nem todos os pastores sejam chamados para ser capelães. Para se tornar capelão, o pastor deve ter formação teológica avançada, experiência pastoral comprovada por credenciais válidas e endosso eclesiástico.”⁴

Com base nessa diretriz, a Igreja Adventista do Sétimo Dia considera a capelania um ministério oficial e especializado, que exige pastores devidamente qualificados.

Perfil do capelão

Atualmente, a Divisão Sul-Americana possui uma descrição do perfil dos capelães que atuam nas áreas de educação e saúde. Esse perfil considera cinco competências e 25 indicadores, que estabelecem um modelo para orientar o plano de desenvolvimento pessoal e profissional desses ministros.

Cada instituição ou campo, com o apoio dos diversos níveis da igreja, deve se empenhar para que os capelães se desenvolvam em conformidade com o perfil estabelecido.

Certa vez, ao escrever ao capelão do Sanatório de Battle Creek, nos Estados Unidos, Ellen White ressaltou os seguintes aspectos relacionados ao perfil e às competências necessárias para aqueles que atuam nessa área:



Em 2010, recebi o chamado divino para iniciar uma experiência pioneira no Chile: a capelania não tradicional em colégios, universidades e hospitais. Mais tarde, em 2018, esse ministério se expandiu para o campo humanitário, servindo a mais de 840 funcionários da Adra no país, dos quais apenas 40 são adventistas.

Trabalhar com mentes secularizadas exige um dom especial do Espírito Santo para construir pontes de confiança. Além disso, requer criatividade e integridade. O desafio é ser luz sem confrontar, mas também sem diluir a verdade. Cada pessoa representa uma oportunidade de aplicar o método de Cristo: apresentar um Salvador próximo e humano. Como capelão, acompanho pessoas em momentos de vulnerabilidade – em hospitais, desastres socioambientais e nas forças armadas –, levando esperança onde é mais necessário.

A capelania vai além dos sermões; é a fé traduzida em ação. Servir sem agenda, ouvir sem julgar e orar em meio ao caos reflete o amor radical de Jesus. As conversões e curas mais profundas geralmente acontecem longe dos púlpitos. No cotidiano – até mesmo nos desastres mais devastadores –, Deus age por meio de uma escuta atenta e palavras oportunas.

Carregar o sofrimento alheio exige raízes devocionais profundas. Além disso, a constante atualização técnica é essencial. Eu me especializei em determinadas áreas, como infância, emergências e ambiente militar, para me comunicar no idioma de cada profissão.

Jaime Carrilo é capelão da Adra e do Exército do Chile.



A capelania me permitiu atuar diretamente na construção do caráter de crianças e jovens em uma fase crucial da vida. Essa experiência foi fundamental para minha jornada ministerial, proporcionando aprendizado sobre planejamento, gestão do tempo e desenvolvimento de projetos espirituais. Costumo dizer que ser capelão é um dom, uma habilidade que nem todo pastor formado no seminário necessariamente desenvolve. Um bom capelão tem grande potencial para se tornar um excelente distrital, mas o contrário nem sempre acontece.

Diante da relevância desse ministério, é essencial refletirmos sobre a forma como a capelania escolar é encarada. Atualmente, a escola é frequentemente vista apenas como uma incubadora ministerial, um local de passagem para pastores recém-formados. Essa alta rotatividade compromete o vínculo com os alunos, as famílias e a própria instituição.

O ideal seria que a formação teológica incluísse uma preparação específica para a capelania, com estágios voltados à realidade escolar. Mais do que um trampolim para outros ministérios, a capelania deveria ser reconhecida como um chamado para toda a vida pastoral.

Jairo Oliveira é departamental de Família e diretor de Capelania da Associação Paulistana. Atuou como capelão por 15 anos.

“É de suma importância que aquele que é escolhido para cuidar dos interesses espirituais dos pacientes e auxiliares seja uma pessoa de bom senso e firme aos princípios, alguém que exerça influência moral, que saiba lidar com as mentes. Deve ser uma pessoa sábia e culta, afetuosa, assim como inteligente. Pode a princípio não ser inteiramente eficiente em todos os sentidos; deve, porém, mediante intensas reflexões e o exercício de suas habilidades, qualificar-se para essa importante obra. É necessário muita sabedoria e bondade para servir convenientemente nessa posição, mesmo com inflexível integridade, pois devem ser enfrentados preconceito, fanatismo e erro de toda forma e espécie.”⁵

A pioneira continua a descrição, destacando a importância da maturidade e idoneidade moral do candidato: “Esse lugar não deve ser ocupado por uma pessoa de temperamento irritável, de combatividade violenta. Deve-se ter cuidado para que a religião de Cristo não se torne repulsiva em virtude de severidade ou impaciência. Os servos de Deus devem procurar, por meio da mansidão, da bondade e do amor, representar corretamente nossa fé sagrada. Embora a cruz jamais deva ser ocultada, ele deve apresentar também o amor inigualável do Salvador. O obreiro

“
Diante das crescentes complexidades e fragilidades do mundo, esse ministério busca atender as necessidades atuais, exigindo vocação, experiência e preparo adequados.
”

deve estar imbuído do espírito de Jesus, e então os tesouros do ser devem ser apresentados em palavras que encontrem seu caminho para o coração dos ouvintes. A religião de Cristo, exemplificada na vida diária de Seus seguidores, exercerá uma influência dez vezes maior do que os mais eloquentes sermões.”⁶

Capacitação para a missão

Na América do Sul, o Ministério de Capelania cumpre sua missão prestando serviço em diversas instituições, com foco principal nas áreas de educação e saúde. Atualmente, cerca de 560 capelães atuam em colégios e universidades, aproximadamente 45 apoiam a obra de saúde em hospitais e clínicas, e 10 servem em outras instituições.

A igreja necessita de diversos dons e habilidades para cumprir sua missão com eficácia. Por esse motivo, são necessários ministérios especializados, capazes de alcançar diferentes grupos em variados ambientes, utilizando estratégias adequadas às distintas realidades. Assim, a capelania amplia o alcance missionário, abrindo caminhos e criando oportunidades extraordinárias para o evangelho em contextos difíceis.

A igreja oferece apoio e oportunidades de desenvolvimento para seus capelães. Os pastores que atuam nessa área podem



Ministrar às novas gerações é um privilégio, ajudando-as a enfrentar questões como sexualidade, autoestima e família. É também uma honra formar novos líderes e conduzir o corpo docente e suas famílias aos pés de Jesus. Contudo, existem desafios, como comunicar as verdades bíblicas de maneira acessível e conscientizar a comunidade educacional e a igreja sobre a importância desse ministério.

Jimena Valenzuela é professora universitária e capelã do Instituto Adventista Avellaneda, na Argentina. Atua na capelania há 13 anos.

receber o endosso denominacional da Associação Geral, que é o reconhecimento oficial para o exercício desse ministério. Além disso, eles têm acesso à capacitação contínua, a fim de aprimorar suas competências e realizar um trabalho de excelência.

Na América do Sul, foram formados especialistas nessa área, o que permite acompanhar de forma mais eficaz o desenvolvimento do Ministério de Capelania. Além disso, foram criados programas de especialização e pós-graduação, que oferecem excelentes oportunidades de aprendizado e crescimento. Isso segue a recomendação feita por Ellen White: “As associações devem cuidar para que as escolas sejam providas de professores bem competentes no ensino da Bíblia, bem como que possuam profunda experiência cristã. Os melhores

talentos do ministério devem ser empregados em nossas escolas.”⁷

Como ministério essencial na missão da Igreja Adventista, a capelania fortalece o cuidado espiritual e emocional em instituições educacionais, de saúde e em outros contextos. Seu compromisso é levar esperança e restauração a todos os que necessitam, cumprindo a ordem de Cristo de servir ao próximo com amor e compaixão. Por meio da atuação dedicada de capelães preparados e comprometidos, esse ministério amplia o impacto do evangelho, alcançando pessoas que, muitas vezes, não seriam alcançadas pelos métodos tradicionais. Assim, o Ministério de Capelania permanece como um instrumento valioso para testemunhar sobre o amor de Deus e conduzir mais pessoas a uma vida plena em Cristo. ■



Ser pastor escolar é uma oportunidade valiosa de influenciar o presente e o futuro da igreja, pois envolve a formação espiritual dos jovens, que serão os próximos líderes da comunidade adventista. Os jovens, geralmente mais sinceros e abertos, têm disposição para servir ao evangelho, são curiosos para aprender sobre a Bíblia e mostram fidelidade aos princípios que acreditam ser corretos. Além disso, revelam talentos impressionantes e uma entrega sincera à missão, tornando o trabalho profundamente gratificante.

Contudo, os desafios são significativos. O capelão deve compreender as diferentes necessidades de cada faixa etária, desde os pequeninos da educação infantil até os adolescentes do ensino médio, ajustando sua linguagem e abordagem conforme o público. Outro desafio é equilibrar a firmeza nos princípios da fé adventista com o respeito no diálogo com alunos, pais e funcionários de outras religiões. Além disso, a rotina de um pastor escolar exige grande organização e preparo, já que a agenda inclui semanalmente diversos projetos e atividades.

Tális Keller é capelão do Colégio da Faculdade Adventista do Paraná.

Referências

- ¹ Luz M. Rivera, *Capellania Institucional: Nociones Básicas de la Capellania* (Nashville, TN: Abingdon Press, 2010), p. 13.
- ² *Regulamentos Eclesiástico-Administrativos da Divisão Sul-Americana*, seção FA 06 S.
- ³ N. Paget e J. McCormack, *El Trabajo del Capellán* (Filadélfia, PA: Judson Press, 2006), p. 5.
- ⁴ *General Conference Working Policy*, seção FA 30.
- ⁵ Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), v. 4, p. 475.
- ⁶ White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 475, 476.
- ⁷ Ellen G. White, *Evangelismo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2023), p. 330.



125

anos
1900 + 2025

SEMANA DE OFERTAS ESPECIAL DE ANIVERSÁRIO



FRETE GRÁTIS
PARA TODO O BRASIL



DESCONTOS
EM VÁRIOS PRODUTOS



6X SEM JUROS
NO CARTÃO DE CRÉDITO

9 A 15
DE JUNHO



cpb.com.br | 0800-9790606 | CPB livraria | **15 98100-5073**

Pessoa jurídica/distribuidor 15 3205-8910 | atendimento@cpb.com.br





Antônio Tavela
capelão da Casa
Publicadora Brasileira



O PASTOR ESCOLAR E AS **NOVAS GERAÇÕES**

A influência do capelão na formação espiritual dos alunos

A Divisão Sul-Americana da Igreja Adventista do Sétimo Dia, em seu concílio quinque-
nal realizado de 3 a 7 de novembro de 2015,
estabeleceu o cuidado das novas gerações
como uma de suas ênfases de trabalho.¹
Essa decisão foi uma resposta à apostasia
das novas gerações, observada nos registros da secretaria da DSA.

Comentando os relatórios estatísticos de 2015, o pastor Erton Köhler, então presidente da DSA, mencionou que “juvenis, adolescentes e jovens são a maioria de nossos membros, a maioria de nossos batismos e a maioria de nossas perdas. Em 2015, eles eram pouco mais de 55% dos membros, 70% dos batismos e quase 68% de nossas perdas.”²

Na mesma ocasião, Helder Roger, vice-presidente da DSA à época, disse que “a onda que esvaziou igrejas na Europa e nos Estados Unidos está caminhando para a América do Sul. A Igreja Adventista continua atraindo crianças e jovens, mas também está perdendo muitos deles.”³

Quase seis anos depois, durante a comissão diretiva da DSA realizada de 6 a 10 de julho de 2021, decidiu-se manter a ênfase no cuidado das novas gerações. Um relatório que analisou a entrada e saída de membros no decênio de 2011 a 2020 revelou que as estatísticas continuavam alarmantes: “Quando a análise é feita na faixa etária específica de 17 a 30 anos de idade (jovens), então as perdas superam os ganhos de membros. São 674.408 que deixaram a comunidade adventista contra 534.136 que se tornaram membros adventistas no mesmo período. Um saldo negativo de 26,3%.”⁴

Diante desse cenário, torna-se ainda mais evidente a necessidade de investir no cuidado das novas gerações. Afinal, “qualquer igreja está a apenas uma geração da extinção. Os jovens da igreja são seu maior patrimônio e esperança.”⁵

Contribuição do pastor escolar

Para enfrentar essa realidade, a Educação Adventista foi chamada a desempenhar seu papel. Diversas ações foram planejadas, e a atuação do pastor escolar passou a ganhar destaque.

Considerando que a “matéria-prima” do trabalho de um pastor escolar são os legítimos representantes das novas gerações, é natural esperar que seus esforços resultem em impactos significativos nessa área.

Nesse contexto, surge a questão: De que maneira o pastor escolar pode conquistar e manter as novas gerações

na fé? Para responder a essa pergunta, proponho que os elementos a seguir caracterizem a práxis ministerial de um pastor escolar adventista.

Foco no objetivo principal da educação

Qualquer escola precisa atender a uma variedade de objetivos, muitos dos quais são determinados pelo próprio governo do país onde está estabelecida – como o currículo básico das disciplinas. Além disso, há demandas relacionadas à qualidade do ensino, ao crescimento nas matrículas, à qualificação dos colaboradores, entre outras. Cada um desses desafios pode impactar o sucesso ou fracasso da escola, razão pela qual há líderes responsáveis por essas questões.

No entanto, acima dessas responsabilidades, há um objetivo principal que deve nortear e unir os esforços de todos em uma escola adventista: fomos estabelecidos por Deus para salvar educando. Ellen White escreveu: “No mais alto sentido, a obra da educação e da redenção são uma.”⁶ E, se há alguém dentro da escola que tem o privilégio e a responsabilidade de manter o foco nesse objetivo principal, esse é o pastor escolar. Seu planejamento de trabalho e suas ações devem refletir esse compromisso, unindo os esforços de todos na busca desse propósito.

Entretanto, há algo ainda mais importante a ser destacado. O conhecimento de Deus, fundamentado na Palavra, deve vir de um relacionamento pessoal com Cristo. Caso contrário, corre-se o risco de que os alunos adquiram apenas o conhecimento teórico da Bíblia, sem experimentar o poder transformador do evangelho. “O principal objetivo da educação cristã na escola, no lar e na igreja é levar as pessoas a um relacionamento de salvação com Jesus Cristo.”⁷

Ao entender isso de forma mais profunda, passei a priorizar o relacionamento com Jesus em meu ministério de capelania. Fiquei especialmente feliz com o testemunho de um aluno do ensino médio que aprendeu a orar abrindo o “coração a Deus como a um amigo.”⁸ A partir disso, comecei a dedicar mais tempo ao ensino da alimentação espiritual da Palavra, pois “essa Palavra comunica poder e gera vida [...], traz consigo a vida do Ser infinito. Transforma a natureza, restaurando-a à imagem de Deus.”⁹

Foco no grupo prioritário

Em 2025, a Educação Adventista na América do Sul alcançou a marca de aproximadamente 300 mil alunos matriculados – uma conquista histórica. No entanto,

“apenas” cerca de 50 mil desses alunos são adventistas do sétimo dia. Em termos aproximados, a proporção é de 80/20, tornando os alunos adventistas uma minoria dentro da rede.

Diante desse fato, o pastor escolar poderia crer que sua missão mais importante seria evangelizar os 80% de alunos não adventistas. Embora essa missão seja, sem dúvida, nobre, ela não deve ser sua prioridade.

Ao avaliarmos a origem e o propósito estabelecido por Deus para a educação adventista, percebemos que a razão de nossa existência sempre foi o cuidado dos filhos da igreja. Fomos estabelecidos para oferecer um ambiente de proteção espiritual e doutrinária aos nossos filhos. Cada unidade da educação adventista deveria proporcionar um ambiente seguro e propício para o desenvolvimento espiritual dos filhos da igreja. Dessa forma, o ministério do pastor escolar não pode ser realizado em dissonância com essa missão primordial.

Confesso que levei um tempo para entender isso. Nos primeiros anos do meu ministério, pedia aos alunos adventistas que não atrapalhassem meus esforços evangelísticos com seus colegas não adventistas. Cheguei a dizer a alguns que, se necessário, “passaria por cima deles” para cumprir minha missão.

Felizmente, Deus abriu meus olhos, perdoou-me e deu-me uma segunda chance! Reavaliei meus objetivos ministeriais e, seguindo a revelação do Espírito de Profecia, estabeleci o cuidado dos filhos da igreja como minha prioridade. Pedi sabedoria a Deus e decidi firmemente que, se houvesse uma pessoa com esse propósito claro, seria eu.

Passei a procurar os alunos adventistas e a lhes dizer que havia sido enviado pela igreja para cuidar de cada um deles. Com ações planejadas e intencionais, procurava me aproximar deles, conhecê-los, discipliná-los e envolvê-los na missão.

Essa firmeza de propósito não pode ser vista como discriminação ou desprezo pelos outros alunos. Precisamos de sabedoria para “fazer estas coisas, sem omitir aquelas” (Mt 23:23, ARA). A ênfase no cuidado dos filhos da igreja não deve eclipsar os projetos de evangelismo do pastor escolar.

A boa notícia é que, enquanto mantemos firme esse compromisso, também estamos realizando um tipo específico de evangelismo. Segundo George Knight, “a escola cristã é uma agência evangelística, visto que seu propósito primordial envolve conduzir seus alunos a um relacionamento salvífico com Jesus Cristo. [...] Ela tem tanto um papel conservador, ao prover uma atmosfera protetora para o crescimento cristão, como um papel revolucionário, visto que busca desenvolver agentes evangelísticos de vários tipos para a igreja.”¹⁰

Foco na estratégia de trabalho

Embora haja comum acordo que o afastamento das novas gerações das igrejas não se deva a um único motivo, David Kinnaman considera que o motivo que desencadeia todo o processo é a fragilidade do nosso

discipulado. Em sua obra *Geração Perdida*, ele enfatiza que “o problema do afastamento é, em essência, um problema de desenvolvimento da fé; para usar uma linguagem religiosa, trata-se de um problema na formação de discípulos. A igreja não está preparando adequadamente a próxima geração para seguir fielmente a Cristo em uma cultura em rápida transformação.”¹¹

Entre suas diversas atribuições, o pastor escolar corre o risco de diluir seus esforços, sem conseguir consolidar sua influência sobre seu rebanho. Quando isso ocorre, é válido aprender com Aquele que, mesmo cercado pelas multidões e com a maior missão já dada a alguém, escolheu o discipulado como Sua estratégia.

Com pouco tempo para Seu ministério público, Jesus dedicou-Se ao preparo de Seus doze discípulos. Embora tenha pregado, curado e ensinado incansavelmente (Mt 9:35), Seu foco sempre foi discipular.

Esse exemplo de Jesus já seria motivo suficiente para qualquer pastor, mas sua relevância se torna ainda maior ao considerarmos que a maioria dos discípulos era jovem. Jesus escolheu nas novas gerações aqueles que, capacitados pelo Espírito Santo e movidos por um profundo amor pelo Salvador, abalariam o mundo.

O pastor escolar deve seguir o mesmo caminho e, assim como Jesus, dar os seguintes passos:

1. *Olhar para seus alunos e, mesmo reconhecendo suas imperfeições, ver tudo o que podem ser pelo poder do evangelho.* Ellen White escreveu: “Em cada ser humano, Ele percebia infinitas possibilidades. Via as pessoas como poderiam ser, transformadas por Sua graça [...]. Olhando para elas com esperança, inspirava-lhes esperança. Aproximando-Se delas com confiança, inspirava-lhes confiança. Revelando em Si mesmo o verdadeiro ideal do ser humano, despertava para a realização desse ideal tanto o desejo quanto a fé. Em Sua presença, as pessoas desprezadas e caídas compreendiam que ainda tinham dignidade e desejavam mostrar-se dignas de

Seu olhar. Em muitos corações que pareciam mortos para as coisas santas despertavam-se novos impulsos. A muitos desesperançados, abriu-se a possibilidade de uma nova vida.”¹²

2. *Cultivar relacionamentos genuínos com os alunos, compartilhando a própria vida ao transmitir os ensinamentos.* Ellen White comentou: “A eles [os discípulos], mais do que a todos os outros, proporcionou as vantagens de Sua companhia. Por meio de relacionamento pessoal, produziu nesses colaboradores escolhidos Sua própria impressão. [...]”

“Somente por meio dessa comunhão – de uma mente com outra e de um coração com outro, do humano com o divino – pode-se comunicar a energia vitalizadora que a verdadeira educação tem por objetivo transmitir. Somente vida gera vida. [...]”

“[Os discípulos] estavam com Ele em casa, à mesa, em particular e no campo. Acompanhavam o Mestre em Suas viagens, participavam

de Suas provações e dificuldades e, tanto quanto lhes era possível, participavam de Seu trabalho.”¹³

3. *Semear a semente do evangelho com muita fé, confiando que renderá frutos para a eternidade.* Ellen White afirmou: “Por algum tempo, a boa semente pode permanecer despercebida em um coração frio, egoísta e mundano, sem dar demonstração de se haver enraizado; porém, mais tarde, tocando o Espírito de Deus esse coração, a semente oculta brota e, finalmente, produz frutos para a glória de Deus. Ao longo da vida, não sabemos qual prosperará, se esta ou aquela. Isso não é de nossa alçada. Façamos o nosso trabalho e deixemos os resultados com Deus.”¹⁴

Conclusão

Diante do fato de que o cristianismo ocidental enfrenta um de seus maiores desafios históricos, com milhares de igrejas fechando suas portas e denominações correndo o risco de desaparecer, é urgente que o pastor adventista priorize o cuidado das novas gerações.

Nesse contexto, o pastor escolar adventista se destaca como peça chave na batalha. Seu ministério é voltado integralmente para as novas gerações, com objetivos centrados em conquistar e conservar crianças, juvenis e adolescentes para Cristo. Seus sonhos e ideais estão alinhados com os passos do Mestre, e toda a sua prática ministerial é dedicada a ajudar a igreja no cuidado das novas gerações. ■

Referências

- 1 Felipe Lemos, “Jovens Sugerem aos Líderes Adventistas Como Tornar Igreja Mais Relevante”, *Notícias Adventistas*, disponível em <link.cpb.com.br/1ff1e8>, acesso em 17/3/2025.
- 2 Erton Köhler, “Uma Igreja Para a Maioria”, *Revista Adventista*, disponível em <link.cpb.com.br/48c1fb>, acesso em 17/3/2025.
- 3 Márcio Tonetti, “Relevante Para as Novas Gerações”, *Revista Adventista*, disponível em <link.cpb.com.br/c1c2ff>, acesso em 17/3/2025.
- 4 Felipe Lemos, “Liderança Adventista Encara Desafio de Atrair e Manter Novas Gerações”, *Notícias Adventistas*, disponível em <link.cpb.com.br/500f31>, acesso em 17/3/2025.
- 5 Barry Gane, *O Caminho de Volta* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013), p. 14.
- 6 Ellen G. White, *Educação* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2021), p. 20.
- 7 George R. Knight, *Educando Para a Eternidade* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2017), p. 84.
- 8 Ellen G. White, *Caminho a Cristo* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2024), p. 59.
- 9 White, *Educação*, p. 87.
- 10 George R. Knight, *Mitos na Educação Adventista* (Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2010), p. 53.
- 11 David Kinnaman, *Geração Perdida* (Pompeia, SP: Universidade da Família, 2014), p. 22.
- 12 White, *Educação*, p. 55.
- 13 White, *Educação*, p. 59.
- 14 Ellen G. White, *Parábolas de Jesus* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2022), p. 32.





Adolfo Suárez
reitor do Seminário
Adventista Latino-
Americano de Teologia



O ADVENTISMO NA PÓS-MODERNIDADE

Uma análise dos desafios contemporâneos que ameaçam a igreja

A pós-modernidade possui diversas características, que se transformam em desafios para o adventismo. Quero me concentrar em apenas três aspectos, tendo como ponto de partida as características apontadas por Roland Chia.¹

O eclipse da verdade objetiva

Os pós-modernos buscam “desconstruir” o conceito de verdade absoluta. Embora existam diferentes abordagens para essa desconstrução, todas elas se baseiam na ideia de que não há relação entre verdade e realidade. Ou seja, a epistemologia pós-moderna rejeita a teoria da verdade por correspondência, que estabelece uma relação direta entre a verdade (aquilo que se afirma) e a realidade (aquilo que se observa).

No pós-modernismo, as verdades estão relacionadas a perspectivas e pontos de vista, sendo consideradas construções sociais. Como não há metanarrativa, a verdade se dissolve, sendo tão diversa quanto as próprias comunidades. O escritor e crítico social Os Guinness forneceu uma descrição sucinta dessa condição em seu livro *Fit Bodies, Fat Minds*: “Não há verdade, apenas verdades. Não há uma razão suprema, apenas razões. Não existe uma civilização privilegiada (nem cultura, crença, norma ou estilo), apenas uma multiplicidade de culturas, crenças, normas e estilos. Não existe justiça universal, apenas interesses e competição entre grupos de interesse”.²

Em outras palavras: “Você tem suas verdades, suas razões, suas crenças, e eu tenho as minhas. E devemos ser tolerantes um com o outro.” Com essa visão, o pós-modernismo não apenas abraça o pluralismo, mas também o celebra.

A atitude pós-moderna em relação à verdade objetiva tem, pelo menos, duas implicações importantes para o adventismo. A primeira diz respeito ao papel da doutrina e da teologia na fé cristã. Nos últimos vinte ou trinta anos,

vários teólogos e membros da igreja têm criticado a falta de ênfase doutrinária. De fato, há um fenômeno alarmante de analfabetismo bíblico. Muitos adventistas são ignorantes quanto às Escrituras e às profecias, enquanto possuem “mestrado” em séries, “doutorado” em mídias sociais e “pós-doutorado” em música secular. São capazes de conversar por horas sobre entretenimento midiático, mas não conseguem explicar os elementos básicos da cosmovisão bíblica.

A segunda implicação está relacionada à maneira como a Bíblia é entendida e interpretada. Muitos já não veem a Bíblia como “fundamental” ou “autoritativa”, mas transformaram-na em um manual de autoajuda, do qual cada pessoa extrai apenas o que lhe interessa ou convém.

Para o pós-moderno, não existe uma interpretação correta da Bíblia, apenas um leitor interessado. Essa visão é influenciada por uma ideologia sedutora e perigosa: o desconstrucionismo, um movimento filosófico que ataca valores e crenças bíblicas em sua essência. Como afirma o teólogo e hermeneuta Kevin Vanhoozer, “a desconstrução é a desconfiância da metafísica”.³ Entre seus principais defensores estão Jacques Derrida, Richard Rorty e Friedrich Nietzsche. O que une esses pensadores é a ideia de que o significado, a verdade e o próprio mundo são construções humanas.⁴ Assim, eles pregam que “não existe uma única interpretação correta, nem um ‘significado real’ em um texto, apenas ‘maneiras de ler’ que são extensões dos valores e interesses de uma comunidade.”⁵

Portanto, quando nos deparamos com um adolescente, jovem ou adulto que, sorrindo, diz: “Pastor, o que o senhor diz é a sua maneira de pensar, mas eu penso diferente”, estamos diante de um desconstrucionista (mesmo que ele ou ela não saiba disso), alguém que vê a interpretação e compreensão da Bíblia como um mero jogo linguístico e de poder. Nos tempos pós-modernos, cada pessoa tem sua própria verdade. O tema é mais complexo do que imaginamos!

Destradicionalização das ideias e dos comportamentos

À medida que a modernidade avança para o que alguns filósofos chamam de modernidade tardia ou hipermodernidade, o processo de individualização gerado criou uma desconfiança crescente em relação às convenções e tradições sociais recebidas. Sob uma perspectiva sociológica, observa-se frequentemente que, à medida que as grandes narrativas se desintegram, as certezas, os valores e as normas herdados da tradição também são relativizados. Há uma espécie de “emancipação” dos laços e ideias que antes eram considerados inquestionáveis, o que resultou em uma situação em que a cada ser humano é dada a tarefa, estruturalmente subjetiva, de construir sua própria identidade. As pessoas abandonam as ideias tradicionalmente aceitas e buscam outras.

Costumes, valores e normas ainda continuam funcionando em certo sentido, mas agora se tornam apenas uma opção dentro de uma ampla gama de possibilidades das quais os indivíduos podem escolher livremente. Ou seja, os princípios bíblicos são apenas uma das opções,

entre outras, nas quais também se incluem princípios sociológicos, antropológicos, psicológicos, entre outros.

Mas o mais importante é que, no contexto pós-moderno, todos esses costumes, valores e normas já não podem mais reivindicar ser a base exclusiva para determinar o estilo de vida das pessoas, pois cada indivíduo pode escolher entre uma ampla gama de opções aquilo que mais lhe interessa e agrada. Que desafio imenso!

Moralidade pluralista e relativa

O terceiro e último aspecto que tem um forte impacto sobre o adventismo diz respeito à atitude do pós-modernismo em relação à moralidade e à ética. Vivemos em um mundo de múltiplas moralidades. Nossa sociedade pluralista conduz ao relativismo moral, que é uma forma de subjetivismo e afirma que não existe um modelo moral universal e absoluto. Consequentemente, as verdades morais tornam-se meras preferências associadas a indivíduos e sociedades específicas.

O problema é que, quando as verdades morais são reduzidas a uma questão de gosto ou preferência, a pergunta deixa de ser “O que é bom?” e passa a ser “O que parece bom ou correto para o indivíduo ou para a comunidade?” ou “Quais ações são consideradas significativas para esse indivíduo ou comunidade em particular?”

Diante de tudo isso, o que fazer? Quero propor três reflexões.

1. *A importância e a necessidade das doutrinas e crenças.* Para enfrentar o eclipse da verdade objetiva, a destraditionalização das ideias e comportamentos e a moralidade pluralista e relativa, é fundamental ter uma vida alicerçada nas crenças bíblicas. A igreja apostólica nos dá o exemplo: “E perseveravam na doutrina dos apóstolos...” (At 2:42). A palavra traduzida como “doutrina” é *didaché*, que se refere ao ensino.

Indiscutivelmente, a igreja bíblica é marcada pelo ensino. Nesse sentido, como pondera o teólogo John Wade, as igrejas de hoje precisam de um ensino sólido, pois a maioria das pessoas entra na igreja sem “uma compreensão clara de Deus e de Seus propósitos, conforme revelados no Antigo e no Novo Testamento. [Devemos] desejar que as igrejas de hoje deem tanta ênfase ao ensino quanto deram os apóstolos”.⁶ Uma igreja fiel não pode comercializar a Palavra.⁷

Nesse sentido, é necessária uma reflexão séria sobre a importância das doutrinas e crenças. Conforme expressa o livro *Nisto cremos*: “Doutrinas definem o caráter do Deus a quem servimos. Elas interpretam eventos, tanto passados quanto presentes, enquanto estabelecem um sentido de lugar e propósito no cosmos. Elas descrevem os objetivos da ação divina. Doutrinas representam linhas de orientação para os cristãos, provendo estabilidade àquilo que de outra forma seria uma experiência desequilibrada, injetando segurança em uma sociedade que rejeita os absolutos. Doutrinas alimentam o intelecto humano e estabelecem alvos que inspiram e motivam os cristãos a buscar o interesse de outros.”⁸

Nossas crenças dizem quem somos e como devemos viver. Por isso, devemos incentivar toda a igreja e, especialmente, as novas gerações

a conhecer muito bem nossas seis doutrinas e nossas 28 crenças fundamentais. Pois, se não as conhecemos, qual é o significado e a razão de ser adventista do sétimo dia? Nossos filhos não permanecerão em um lugar do qual nada conhecem e no qual não veem significado. Nossas doutrinas e crenças são nossas raízes; e sem raízes, uma árvore não existe. Além disso, se observarmos de perto cada uma das seis doutrinas que estruturam nossas 28 crenças, veremos que elas respondem a perguntas fundamentais sobre a existência humana.⁹ Devemos enfatizar isso nos materiais que preparamos para a igreja em todas as faixas etárias.

2. *A importância do estudo da Palavra de Deus para o conhecimento da nossa fé.*¹⁰ Enquanto o primeiro tópico coloca a responsabilidade sobre a liderança da instituição, o segundo enfatiza o papel de cada um de nós. É muito provável que você conheça alguém que se declarava adventista, mas que, de uma hora para outra, passou a viver de maneira contrária aos princípios bíblicos.

Não podemos generalizar, mas é possível que, em alguns desses casos, as pessoas tivessem uma compreensão equivocada do que é a fé cristã adventista e a aceitaram por medo, conveniência, modismo, pressão familiar ou tradição. E mais: muitas têm medo de questionar aquilo em que creem, pensando que isso significa duvidar de Deus e da Bíblia. No entanto, servir a Deus e crer Nele não é algo irracional. Amar a Deus não é um ato apenas espiritual, mas envolve “todo o seu coração”, “toda a sua alma”, “todas as suas forças” e “todo o seu entendimento” (Lc 10:27). É necessário conhecer e saber explicar a “razão da esperança que vocês têm”, conforme 1 Pedro 3:15.

Incentivemos a membresia a examinar as Escrituras. Encorajemos os adolescentes a conversar com seus pais, a dialogar com pessoas de confiança e a ler livros que esclareçam suas dúvidas sobre aquilo em que creem. Foi exatamente isso que fizeram os cristãos da cidade de Bereia quando Paulo

chegou ali pregando sobre Jesus (At 17:11).

Incentivemos as novas gerações a não entregarem a mente a qualquer pessoa que expresse opiniões sobre qualquer assunto, mas a verificar se aquilo que estão ouvindo, lendo e assistindo é verdadeiro.

3. *A importância de lutar pela unidade da igreja.* O pensamento pós-moderno tem fomentado o congregacionalismo, um desafio sério no âmbito administrativo e eclesiástico. Se não há verdade objetiva, cada um pode organizar a igreja conforme sua própria vontade; se a boa tradição é descartada, a estrutura e o funcionamento da igreja não precisam seguir modelos anteriores; e, se o pluralismo e o relativismo prevalecem, a administração da igreja tende a ser conduzida segundo conveniências individuais.

Portanto, o congregacionalismo está diretamente relacionado a uma interpretação conveniente da verdade bíblica no que diz respeito à administração eclesiástica. Nesse sentido, ele se conecta ao pós-modernismo.

Diante disso, sugiro três atitudes:

- *Demonstrar e reforçar o valor e a autoridade da igreja local e de cada membro (1Pe 2:9).* Muitas vezes, as igrejas locais se sentem esquecidas, ignoradas e subvalorizadas porque, em alguns lugares, a liderança criou enormes distâncias. Além disso, por vezes, cultivamos um sentimento inadequado de superioridade, dando a impressão de que os irmãos existem para nos servir, quando, na realidade, somos nós que devemos servi-los. Se os membros da igreja local se sentirem valorizados e ouvidos, haverá muito mais confiança na liderança e muito menos propensão ao separatismo.

- *Precisamos ter cuidado com as atitudes de pastores e membros que tendem a se comportar de maneira diferentemente do que está estabelecido na Palavra de Deus (1Tm 3:2).* É cada vez mais comum que alguns adotem posturas que divergem das práticas convencionais e corretas. No entanto, ao tentarem pensar e viver “fora da caixa”, acabam criando suas próprias caixas e enfoques, ignorando os princípios bíblicos, os escritos de Ellen White e as diretrizes da igreja. Comportamentos considerados “fora do comum” são, frequentemente, precursores do separatismo e do congregacionalismo. Diante disso, a liderança da igreja local, das Associações e das Uniões não pode ser cúmplice nem tardar em agir. É necessário seguir os protocolos estabelecidos. Se um cantor, influenciador, pastor ou teólogo adota condutas que fogem dos princípios bíblicos, é fundamental abordá-lo, orientá-lo e guiá-lo com sabedoria e firmeza.

- *Os problemas não podem ser resolvidos simplesmente mudando-os de lugar (Lc 17:3).* Ao lidar com alguém que demonstra atitudes que podem levar ao separatismo, é essencial apontar os problemas com clareza e indicar as mudanças necessárias. No ministério, transferir um pastor ou obreiro sem antes dialogar abertamente com ele é como varrer um grande problema para debaixo do tapete e deixá-lo na sala. Não podemos ser irresponsáveis.

Conclusão

É possível ser relevante e significativo para os pós-modernos sem correr o risco de relativizar o evangelho completo, de descaracterizar o cristianismo bíblico e de “desadventizar” o adventismo?

O apóstolo Paulo enfrentou o desafio de transmitir os valores das Escrituras à sua sociedade secular. Seus dois discursos públicos — primeiro diante da multidão asiática em Listra (At 14) e depois perante os filósofos atenienses no Areópago (At 17) — são os únicos exemplos registrados no livro de Atos de pregação para uma audiência inteiramente pagã. Em ambos os casos, Paulo não distorceu o evangelho nem diluiu a mensagem. Pelo contrário, ele aplicou uma contextualização estratégica, buscando identificação com seu público sem comprometer a verdade bíblica. Seu objetivo não era modificar a revelação divina, mas comunicá-la de maneira compreensível, utilizando uma linguagem e uma abordagem que ressoassem com seus ouvintes.

Nossa missão e desafio continuam sendo apresentar o evangelho bíblico completo com sabedoria, respeito e amor, confiando no Espírito Santo e permitindo que Ele realize Sua obra de aplicação e transformação na vida dos pós-modernos. ■

Referências

- 1 Roland Chia, “Postmodernism and the Church”, disponível em <link.cpb.com.br/c6d855>, acesso em 20/3/2025.
- 2 Os Guinness, *Fit Bodies, Fat Minds: Why Evangelicals Don't Think and What to do About it* (Londres: Hodder & Stoughton, 1994), p. 105.
- 3 Kevin J. Vanhoozer, *Há um Significado Neste Texto? Interpretação Bíblica: Os Enfoques Contemporâneos* (São Paulo: Vida, 2005), p. 94.
- 4 Vanhoozer, *Há um Significado Neste Texto?*, p. 92.
- 5 Vanhoozer, *Há um Significado Neste Texto?*, p. 91.
- 6 John W. Wade, *Acts: Unlocking the Scriptures for you* (Cincinnati, OH: Standard 1987), p. 30, 31.
- 7 Hernandes D. Lopes, *Atos: A Ação do Espírito Santo na Vida da Igreja* (São Paulo: Hagnos, 2012), p. 66, 67.
- 8 Nisto cremos: *As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018), p. 9, 10.
- 9 Elias Brasil de Souza, “Revisemos Nuestras Creencias Fundamentales: Un Panorama de la Gran Historia Bíblica”, *Diálogo* 31 (2019), p. 9-13.
- 10 Richarde Guerra, *Desconforme-se* (São Paulo: Thomas Nelson Brasil, Edição do Kindle), p. 47-49.



Ramon J. Canals
secretário ministerial
da Associação Geral



PUREZA E SANTIDADE

A conduta do líder cristão em um
mundo cada vez mais imoral

Um jovem se aproximou de mim após ouvir um sermão que enfatizava a importância da obediência à Palavra de Deus e perguntou: “Como posso viver uma vida santa se estou envolvido em um relacionamento homossexual? Quero entregar minha vida ao Senhor Jesus, mas não me interessa por mulheres; gosto de homens. Deus pode, de alguma forma, me aceitar?”

Minha resposta foi sim. “Jesus quer que você venha a Ele como está”, expliquei, “mas Ele o ama tanto que não o deixará como está. Ele transformará sua vida. Não importa se você está atualmente em um relacionamento homossexual ou heterossexual, ou quais pecados sexuais enfrenta. O que importa é que Ele deseja trabalhar em você e torná-lo puro e santo.”

Decidindo encerrar seu relacionamento homossexual, ele entregou sua vida a Cristo e, mais tarde, tornou-se líder dos jovens em sua igreja local. Compreendeu que o relacionamento mais importante de sua vida era aquele que tinha com Jesus Cristo.

Em um mundo onde os padrões morais e as normas sociais estão em constante mudança, os princípios bíblicos de pureza e santidade oferecem uma orientação firme. A imoralidade sexual, um problema presente ao longo da história, é amplamente abordada nas Escrituras. O chamado à pureza e à santidade vai além da simples abstinência de atos imorais – ele exige uma transformação profunda do coração e da mente.

A aliança do coração

Jeremias 31:33 declara: “Porque esta é a aliança que farei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o Senhor: Na mente lhes imprimirei as Minhas leis, também no seu coração as inscreverei; eu serei o Deus deles, e eles serão o Meu povo.” Essa aliança representa uma mudança da mera obediência externa para uma transformação interna. O desejo de Deus é que Seu povo não apenas siga regras de maneira legalista, mas que tenha Seus princípios profundamente enraizados no coração. Essa internalização da lei de Deus conduz a uma vida marcada por verdadeira pureza e santidade. Ellen White afirmou: “Quando a lei de Deus é inscrita no coração, será manifestada numa vida pura e santa.” A santidade é a separação de um povo que ama ao Senhor e se alegra em obedecer.

O povo de Deus deve manter sua mente voltada para as coisas celestiais, e não para as terrenas. Entre as coisas deste mundo das quais a Bíblia adverte os crentes a

guardar seu coração estão os pecados sexuais: “Portanto, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena: imoralidade sexual, impureza, paixões, maus desejos e a avareza, que é idolatria” (Cl 3:5). A razão para isso é que fomos ressuscitados com Cristo para uma nova vida – uma vida de santidade e pureza.

Pureza no pensamento e nas ações

Internalizar a lei de Deus resulta em uma vida que busca a pureza em todos os aspectos. Jesus destacou isso quando disse em Mateus 5:28: “Eu, porém, lhes digo: todo o que olhar para uma mulher com intenção impura, já cometeu adultério com ela no seu coração.” A pureza começa com nossos pensamentos e intenções. Nossos pensamentos e crenças estão entrelaçados com nosso caráter e destino. Por isso, Paulo nos orienta: “Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o pensamento de vocês” (Fp 4:8).

Aprender e praticar a mensagem central deste versículo pode estreitar a relação entre nossos valores, escolhas e objetivos, conduzindo-nos assim a uma vida enriquecida pela graça divina e santidade.

Alcançando o objetivo

Mas tal vida exige rendição, crescimento e um pensamento intencional. Ela requer uma conexão constante com Cristo. A mudança é impossível pelo nosso próprio poder, mas é possível pelo Dele. Jesus declarou: “Sem Mim vocês não podem fazer nada” (Jo 15:5). Por meio da oração e do estudo da Palavra, O conhecemos cada vez mais e permanecemos conectados com Ele. Sua Palavra tem poder transformador (Hb 4:12). Portanto, devemos reservar o tempo necessário para incorporar Sua Palavra em nossa vida. Podemos alcançar esse objetivo sendo intencionais em nossos pensamentos, atitudes e comportamentos, assim, crescendo espiritualmente. Isso, sem dúvida, exigirá um desejo sincero por Deus, persistência e esforço, mas o resultado valerá a pena.

“O perigo que se acha perante os que vivem nestes últimos dias”, diz Ellen White, “é a ausência de religião pura, a ausência de santidade de coração. O convertedor poder de Deus não atuou na transformação do seu caráter. Eles professam crer em verdades sagradas, como foi o caso da nação judaica; mas, deixando de praticar a verdade, desconhecem tanto as Escrituras como o poder de Deus.

O poder e a influência da lei de Deus estão por toda parte em redor, mas não dentro da alma, renovando-a em verdadeira santidade.”²

Devemos sempre nos esforçar para ter pensamentos nobres e puros. Como diz Provérbios 23:7, “porque, como imagina em sua alma, assim ele é”.

No entanto, não podemos alcançar a pureza e a santidade simplesmente pensando sobre isso. Em vez disso, devemos contemplar Jesus, a personificação da pureza. Focar Nele nos transformará à Sua imagem, alinhando nossa mente com Sua vontade e levando-nos a ações que reflitam Sua pureza, pois “nossa mente assume o nível das coisas nas quais nossos pensamentos habitam.”³

A Bíblia enfatiza ainda mais em Romanos 12:2: “E não vivam conforme os padrões deste mundo, mas deixem que Deus os transforme pela renovação da mente, para que possam experimentar qual é a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. Essa transformação é um processo contínuo de permitir que o Espírito Santo renove nossa mente e alinhe nossos pensamentos com a Palavra de Deus.

O perigo da santidade superficial

Um grande perigo enfrentado pela igreja hoje é a falta de verdadeira santidade no coração. Alguns podem afirmar crer nas verdades fundamentais, mas falham em deixar que elas moldem seu caráter. Essa adesão superficial leva à complacência e à falta de entendimento adequado da vontade de Deus. Como Jesus apontou em Mateus 15:8: “Este povo Me honra com os lábios, mas o seu coração está longe de Mim”. A verdadeira santidade é impossível sem o poder transformador de Deus.

Jesus criticou os fariseus por sua demonstração exterior de piedade que carecia de transformação interior, dizendo: “Ai de vocês, escribas e fariseus, hipócritas, porque vocês são semelhantes aos sepulcros pintados de branco, que, por fora, se mostram belos, mas interiormente estão cheios de ossos de mortos e de toda podridão! Assim também vocês, por fora, parecem justos aos olhos dos outros, mas, por dentro, estão cheios de hipocrisia e de maldade” (Mt 23:27, 28).

O plano de Deus para os pastores como líderes espirituais é que sua vida exemplifique sua pregação e ensino. Nosso caráter e a vida em família devem testemunhar as verdades que proclamamos. A influência da vida de uma pessoa muitas vezes fala mais alto do que suas palavras, como observado em 2 Coríntios 3:2, 3: “Vocês são a nossa carta, escrita em nosso coração, conhecida e lida por todos. Vocês manifestam que são carta de Cristo, produzida pelo nosso ministério, escrita não com tinta, mas com o Espírito do Deus vivo, não em tábuas de pedra, mas em tábuas de carne, isto é, nos corações.”

O caráter genuíno, que abrange santidade, pureza, humildade e justiça, emana do coração e exerce um poder e influência imensos.

Vida de pureza e santidade

Viver uma vida de pureza e santidade não se trata de conformar-se a um conjunto de regras externas, mas de uma transformação radical de dentro para fora. Começando por permitir que o Espírito Santo escreva a lei de Deus em nosso coração, essa vida é sustentada por um relacionamento contínuo com Deus, que nos afasta

Foto: AdobeStock



do pecado e da impureza. Como expressou o salmista: “Guardo a Tua palavra no meu coração para não pecar contra Ti” (Sl 119:11). Internalizar a Palavra de Deus é uma proteção vital contra o pecado. E o apóstolo Paulo acrescenta: “Pois a vontade de Deus é a santificação de vocês: que se abstenham da imoralidade sexual; que cada um de vocês saiba controlar o seu próprio corpo em santificação e honra, não com desejos imorais, como os gentios que não conhecem a Deus” (1Ts 4:3-5). Uma vida de pureza e santidade brilha intensamente em um mundo obscurecido pelo pecado, atraindo outros para Cristo.

O papel dos líderes

A igreja deve ser uma fonte de esperança e cura para aqueles que lutam com batalhas sexuais. Portanto, pastores e líderes precisam tomar quatro decisões fundamentais:⁴

1. *Confrontar suas próprias falhas.* Somos pedras brutas que precisam ser moldadas pelo Senhor. Isso significa reconhecer e lidar com nossas próprias questões, não importa o quão doloroso seja, a fim de ter credibilidade para ajudar os outros.⁵

2. *Ajudar as pessoas a desenvolverem seus dons.* Precisamos ajudá-las a ver a obra de Deus em sua vida. Isso as levará a confiar no poder Dele para superar suas lutas.⁶

3. *Proclamar a graça divina.* Sermões negativos geram cristãos negativos, e exortações sem aplicação levam à frustração.⁷



Nosso caráter e a vida em família devem testemunhar as verdades que proclamamos.



4. *Estar disposto a fazer sacrifícios.* Pessoas que lidam com questões sexuais frequentemente enfrentam diversos desafios, e o pastor deve estar preparado para fazer o que for necessário para criar um lugar de esperança e cura.⁸

Conclusão

Diante da imoralidade sexual e outras formas de decadência moral, o chamado bíblico à pureza e santidade permanece claro. Ele nos convoca a permitir que Deus escreva Sua lei em nosso coração, resultando em uma vida que reflete Seu caráter santo. Ao buscar a santidade do coração e viver os princípios da Bíblia, não apenas resistimos às forças da imoralidade, mas nossa vida se torna um poderoso testemunho do poder transformador do amor e da verdade de Deus. Viver uma vida de pureza e santidade é uma jornada contínua de transformação e renovação, fundamentada em um relacionamento profundo com o Senhor e um compromisso firme com Sua Palavra. ■

Referências

- ¹ Ellen G. White, *Este Dia Com Deus* (Santo André, SP: CPB, 1980), p. 144.
- ² White, *Este Dia Com Deus*, p. 144.
- ³ Ellen G. White, “Seek Those Things Which Are Above”, *Signs of the Times*, 9 de janeiro de 1893, p. 7.
- ⁴ Ted Roberts, *Pure Desire* (Ventura, CA: Regal Books, 1999), p. 237.
- ⁵ Roberts, *Pure Desire*, p. 241.
- ⁶ Roberts, *Pure Desire*, p. 245.
- ⁷ Roberts, *Pure Desire*, p. 247.
- ⁸ Roberts, *Pure Desire*, p. 248.



Carlos Flávio
professor de Teologia
no Unasp, campus
Engenheiro Coelho

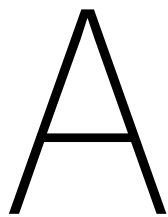


Kevin Oliveira
pastor em
Imperatriz, MA



O LIVRO DA **VIDA**

Natureza, significado e funções teológicas



Bíblia menciona diversas obras que registram patrimônio intelectual, conhecidas como rolos ou livros. Merrill Tenney afirma que há mais de 500 ocorrências das palavras “livros”, “escrita” e “leitura” na Bíblia, desde Gênesis até Apocalipse.¹ Uma menção de destaque é o *Livro da Vida do Cordeiro* (cf. Ap 21:27), um registro importante no julgamento final, pois apresenta os nomes dos salvos. Este artigo busca destacar as referências ao *Livro da Vida* na Bíblia, focando o que essas ocorrências revelam sobre sua natureza, significado e funções teológicas.²

O Livro da Vida no AT

O Antigo Testamento, com seus 39 livros divididos na Bíblia Hebraica em “Lei”, “Profetas” e “Escritos”, apresenta menos referências ao *Livro da Vida* do que o Novo Testamento. Contudo, há oito possíveis menções a esse tema: Êxodo 32:32, Salmos 40:7, 56:8, 69:28, 139:16, Isaías 4:3, Daniel 12:1 e Malaquias 3:16.³

No Antigo Testamento, a seção da Lei (*tôrâ*) contém várias referências ao termo hebraico *sefer*, que pode ser traduzido como “livro” ou “documento escrito” (cf. Gn 5:1; Êx 32:32, 33; Nm 5:23; Dt 28:58).⁴ Entre essas menções, Êxodo 32:32 e 33 é a única que alude diretamente ao *Livro da Vida*, sendo possivelmente a primeira referência a ele no uso do termo *sefer*. Willem Vangemeren observa que, das 181 ocorrências desse termo no AT, ele geralmente se refere a registros de patrimônio intelectual, como livros, cartas, escrituras, leitura, cultura, termos e história.⁵ O verso subsequente (Êx 32:33) esclarece o significado: “Então o SENHOR disse a Moisés: ‘Riscarei do Meu livro todo aquele que pecar contra Mim.’”⁶ Isso sugere que o *Livro da Vida* registra nomes de pessoas às quais Deus aplicou Sua misericórdia e justiça, e que pecadores são “riscados” dele, implicando sua destruição.

Na seção dos Profetas (*nevi'im*), o termo hebraico *kattaab*, que é a forma comum do verbo “escrever”, é frequentemente utilizado para se referir a registros administrativos e até às palavras ditas por Deus aos profetas (cf. 1Rs 11:41;

Jr 36:4; Êx 24:4; Dt 17:18).⁷ Em relação ao *Livro da Vida*, os textos de Isaías 4:3 e Malaquias 3:16 parecem fazer referências específicas. Isaías 4:3 diz: “Os restantes de Sião e os que ficarem em Jerusalém serão chamados santos, isto é, todos os que estão inscritos [*katub*] em Jerusalém, para a vida.” O termo *katub* é semelhante ao encontrado no Salmo 69:28, referindo-se à “lista dos justos”. Há um debate sobre esse texto ter ou não uma conotação escatológica. De qualquer forma, o livro mencionado em Isaías 4:3 parece ter a função de registrar aqueles que serão separados “para a vida”, em um contexto de idolatria e pecado.

Malaquias 3:16 diz: “Então os que temiam o SENHOR falavam uns aos outros. O SENHOR escutou com atenção o que diziam. Havia um memorial escrito [*yikkateb sefer zikkarôn*] diante Dele para os que temem o SENHOR e para os que se lembram do Seu nome.” Esse “escrito” (*yikkateb*)⁸ é um documento que assume o papel de um memorial ou recordatório de direitos de herança ou recompensa, enfatizado pelo termo “lembrança” ou “memorial” (*zikkarôn*).⁹ Aqueles inscritos nesse memorial receberão um título valioso e distintivo diante de Deus (Ml 3:17, 18).

Na seção dos Escritos (*ketuvim*), encontramos vários termos hebraicos relacionados à escrita, dentre eles *sefer*, *siprah* e *katab*. O termo *siprah* é uma forma feminina de *sefer*,¹⁰ ambos significando livro ou documento escrito contendo registros (cf. Jó 19:23; Sl 40:7; 69:28, 139:16; Ec 12:12; Dn 1:4, 12:1). No entanto, entre esses exemplos, os textos dos Salmos 40:7, 56:8, 69:28, 139:16 e Daniel 12:1 parecem sugerir referências ao tema do *Livro da Vida*. O texto do Salmo 40:7 menciona o “rolo do livro” (*sefer bim-gillat*), que aparenta se referir a um registro das ações do autor. Esse trecho é citado em Hebreus 10:7, relacionado ao pacto davídico.¹¹

O Salmo 69:28 menciona o *Livro da Vida* (*sefer hayyim*), com interpretações variadas sobre quem é registrado nesse livro e o seu significado celestial. Allen Ross,¹² Susan Gillingham¹³ e Longman III¹⁴ sugerem que esse não é apenas uma lista dos salvos, mas dos vivos. No Salmo 139:16, o termo “livro” (*sefer*) é usado figurativamente para descrever como Deus conhece os dias de uma pessoa.

Em Daniel 12:1, a palavra usada para “livro” também é *sefer*, associada à ação de “salvar” aqueles que estão “inscritos” (*katub*) no livro. Essa passagem não parece estar relacionada ao “Livro da Verdade” de Daniel 10:21, nem aos livros específicos mencionados em 7:10, mas deve ser uma lista dos nomes daqueles que pertencem ao povo de Deus, possivelmente relacionados a uma realidade celestial.

O Livro da Vida no NT

O Novo Testamento aborda o tema do *Livro da Vida* em diversas passagens (cf. Lc 10:20; Fp 4:3; Hb 10:7; Ap 3:5, 13:8, 17:8, 20:12, 15 e 21:27), cada uma delas fornecendo uma perspectiva sobre sua importância e significado.¹⁵

Na seção dos Evangelhos, o termo grego *engraphō*, que significa “registrar” ou “escrever em algo”, é encontrado apenas em Lucas 10:20. Nesse versículo, a expressão “arrolado nos céus” (*engegraptai en tois ouranois*) sugere uma alusão ao *Livro da Vida*. Essa expressão estabelece

uma conexão com Êxodo 32:32 e Isaías 4:3, em que o termo hebraico *katab* também significa “escrever, registrar, decretar”, indicando uma semelhança semântica entre ambos.

Na seção das Cartas Paulinas, encontramos a expressão *biblō zōēs* em Filipenses 4:3. A palavra “livro”, traduzida a partir de *biblō*, pode significar um documento em forma de rolo, livro ou registro. Paulo parece indicar que os nomes de seus companheiros estão no *Livro da Vida*, apontando que o modo de vida do indivíduo impacta a inscrição ou não do seu nome no livro. Os inscritos eram cooperadores no evangelho. Na mesma linha, em Hebreus 12:23, o termo “arrolados” (*apogegrammenon*), derivado de *apographō*, carrega a noção de uma lista de censo. Esse termo é semelhante ao encontrado em Lucas 10:20, embora tenham raízes diferentes. A ampla realidade aludida nesse texto aponta para a “Jerusalém celestial”.

Na seção apocalíptica do Novo Testamento, as expressões *biblō zōēs*, *biblou tēs zōēs* e *biblion tēs zōēs* referem-se ao *Livro da Vida*. Em Apocalipse 3:5, o *Livro da Vida* é mencionado como *biblō tēs zōēs*, registrando os nomes daqueles que serão vestidos com vestiduras brancas. O termo “apagar” sugere uma conexão com Êxodo 32:32. Em Apocalipse 13:8, o *Livro da Vida* (*biblō tēs zōēs*) aparece no contexto do conflito de adoração. Aqueles cujos nomes não estão escritos no *Livro da Vida* são os que adoram a besta. Novamente, em Apocalipse 17:8, o *Livro da Vida* reaparece no mesmo contexto. Aqueles cujos nomes não estão no *Livro da Vida* são descritos como os habitantes da Terra que se maravilharão com a besta. Para Herbert Kiesler,¹⁶ a terminologia usada indica que os fiéis adoradores vêm sendo registrados no *Livro da Vida* desde a fundação do mundo.

Em Apocalipse 20:12, diante de uma cena de julgamento, diversos livros são abertos, incluindo o *Livro da Vida*. Osborne, Kistemaker e Roloff¹⁷ apontam que são abertos dois tipos distintos de livros celestiais para base das sentenças: um com os feitos e erros dos seres humanos e outro, o *Livro da Vida*, com os nomes dos salvos. Apocalipse 21:27 afirma que nada impuro entrará na Nova Jerusalém, exceto os inscritos no *Livro da Vida do Cordeiro*. Assim, no Novo Testamento, o *Livro da Vida* é um registro celestial que serve para distinguir entre ímpios e justos, ao incluir apenas os nomes daqueles que se opõem à falsa adoração e permanecem fiéis a Deus.

Conclusão

Em síntese, o *Livro da Vida* é descrito na Bíblia como sendo de natureza celestial, ou seja, seus registros são feitos diante do trono de Deus e sob a supervisão divina. Sua menção nas Escrituras e sua relevância no contexto do plano

da redenção ressaltam sua importância para o crente e a igreja. No que diz respeito à sua função, o *Livro da Vida* tem um importante papel soteriológico, pois registra o direito de herança dado por Deus, incluindo o acesso à Cidade Santa, diferenciando-se de outros livros relacionados ao julgamento divino. Ter o nome inscrito no *Livro da Vida* significa salvação; sua ausência, condenação.

No contexto escatológico, o *Livro da Vida* exerce um papel crucial, pois aqueles cujos nomes estão nele registrados são reconhecidos como santos e pertencentes a Deus. Esses indivíduos são considerados justos e cooperadores de Deus, demonstrando fidelidade ao recusarem adorar a besta, mesmo sob intensa perseguição. O *Livro da Vida* registra os nomes dos justos que entrarão na Cidade Santa e documenta episódios significativos de sua vida, testemunhando sua lealdade a Deus. Assim, ele é fundamental no julgamento final, auxiliando os salvos a compreender melhor o caráter de Deus ao lidar com eles desde a fundação do mundo. O estudo sobre quando os nomes são inscritos ou removidos está aberto a futuras pesquisas. ■

Nota: Na página seguinte, você encontrará um quadro que apresenta um resumo deste artigo e algumas inferências sobre os conteúdos em sua relação com o *Livro da Vida*.

Referências

- 1 Merrill Tenney (org.), *Enciclopédia da Bíblia Cultura Cristã* (São Paulo: Cultura Cristã, 2008), v. 2, p. 995.
- 2 A versão completa deste artigo pode ser lida em: Carlos Flávio Teixeira e Kevin Vinicius Felix, “As Menções ao ‘Livro da Vida’ na Bíblia: Um Estudo Teológico e Introdutório”, *Revista de Cultura Teológica* 32 (2023), p. 277-301.
- 3 William Klein, Graig Blomberg e Robert Hubbard, *Introduction to Biblical Interpretation* (Nashville, TN: Thomas Nelson, 2004), p. 103-109.
- 4 Francis Brown, *Enhanced Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon* (Oxford: Clarendon, 1977), p. 706.
- 5 Willem A. Vangemeren, *Novo Dicionário Internacional de Teologia e Exegese do Antigo Testamento* (São Paulo: Cultura Cristã, 2011), p. 286, 287.
- 6 James Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew* (Oak Harbor: Logos Research Systems, 1997), p. 2627. A palavra para pecado no texto em questão é *hata*, que tem que ver com praticar um erro e ser culpado pelo ato.
- 7 Douglas Mangum, Derek Brown, Rachel Klippenstein e Rebekah Hurst (eds.), *Lexham Theological Wordbook* (Bellingham: Lexham, 2014), p. 507.
- 8 Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew*, p. 4180.
- 9 Swanson, *Dictionary of Biblical Languages with Semantic Domains: Hebrew*, p. 2355.
- 10 Daniel Carver, em *Lexham Theological Wordbook*.
- 11 Thomas Schreiner, *Hebrews* (Bellingham: Lexham, 2021), p. 299.
- 12 Allen Ross, *A Commentary on the Psalms 42-89* (Grand Rapids, MI: Kregel Academic & Professional, 2013), p. 488.
- 13 Susan Gilinham, *Psalms Through the Centuries* (Chichester: Wiley-Blackwell, 2018), p. 375.
- 14 Tremper Longman III, *Psalms: An Introduction and Commentary* (Westmont: InterVarsity, 2014), p. 220.
- 15 Delbert Burkett, *An Introduction to the New Testament and Origins of Christianity* (Cambridge: Cambridge University, 2002), p. 19-21.
- 16 Herbert Kiesler, *Christ: Son of Man: Lamb*, em Frank Holbrook (ed.), *Symposium on Revelation: Exegetical and General Studies* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), v. 7, p. 426.
- 17 Grant Osborne, *Apocalipse: Comentário Exegético* (São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 564); Simon Kistemaker, *Apocalipse* (São Paulo: Cultura Cristã, 2014), p. 498; Jürgen Roloff, *Revelation* (Minneapolis: Fortress, 1993), p. 158.

Texto bíblico	Livro da Vida		
	Natureza	Significado	Função
Êxodo 32:32	Celestial	Ter o nome riscado do livro implica em condenação/morte	Soteriológica – Armazenar o nome dos perdoados
Isaías 4:3	Celestial	Os fiéis são chamados de santos e a presença de seus nomes no livro implica em preservação da vida	Escatológica – Inscrição dos nomes dos remanescentes
Malaquias 3:16	Celestial	Os que possuem seu nome nesse registro são propriedade de Deus, pois são os que “temem” e “lembram” o nome do Senhor e que serão “recompensados”	Soteriológica – Memorial escrito para direito de distinção e herança
Salmo 40:7	Celestial	É utilizado como apelo à inocência diante da acusação de iniquidade diante de Deus (SI 40:8)	Soteriológica – Armazena informações sobre a condição do indivíduo quanto à lei de Deus
Salmo 56:8	Celestial	Recurso que relembra as perseguições sofridas por um indivíduo por causa de Deus (SI 56:7)	Soteriológica – Registro de episódios específicos relacionados à fidelidade do indivíduo
Salmo 69:28	Celestial	As pessoas que têm seu nome riscado por Deus desse livro não são consideradas justas	Soteriológica – Armazenar o nome dos justos
Salmo 139:16	Celestial	Registro dos dias designados por Deus	Teontológica – Indica a soberania e presciência de Deus no registro da vida do indivíduo
Daniel 12:1	Celestial	O nome do povo de Deus está registrado nesse livro	Escatológica – Registro para salvação do povo de Deus no tempo de angústia
Lucas 10:20	Celestial	Atuação dos justos reflete a inscrição do seus nomes diante de Deus	Soteriológica – Registro dos nomes de fiéis missionários arrolados no Céu
Filipenses 4:3	Celestial	Os cooperadores do evangelho se encontram registrados no livro do Senhor	Soteriológica – Armazena o nome dos que são cooperadores do evangelho
Apocalipse 3:5	Celestial	A inscrição do nome significa justificação por Cristo diante de Deus	Soteriológica – O nome dos justos que serão representados por Cristo
Apocalipse 13:8	Celestial	Registro apenas do nome daqueles que são fiéis a Deus na adoração	Escatológica – Registro do nome daqueles que não adorarão a besta
Apocalipse 17:8	Celestial	Os que não têm seu nome no livro se “admirarão” expressando sua infidelidade	Escatológica – Registro do nome daqueles que não adorarão a besta
Apocalipse 20:12	Celestial	Registro do nome daqueles que são justos diante de Deus com função diferente dos demais livros de juízo	Escatológica – Registro que faz parte das evidências do julgamento, distinto dos demais livros usados
Apocalipse 21:27	Celestial	Registra os que não praticam abominação e mentira e não estarão “contaminados” pela idolatria e falsa adoração	Soteriológica – Registra o nome daqueles que poderão entrar na cidade santa



Somalia Fernández
professora de Psicologia na
Universidade Adventista Dominicana



DA TRISTEZA À ESPERANÇA

Como lidar com a depressão

Enquanto ministrava uma semana especial sobre a importância da saúde mental em uma igreja do distrito em que meu esposo pastoreava, uma irmã se aproximou e me perguntou: “Um cristão pode sofrer de depressão?” Ela estava angustiada, pois alguns irmãos acreditavam que aqueles que reconhecem sentir angústia, medo, ansiedade ou depressão demonstram “falta de fé” e “não oram o suficiente”.

Refletindo sobre essa experiência, percebo que, embora a depressão seja um tema amplamente discutido em nossas igrejas atualmente, raramente ouvimos pedidos de oração relacionados a essa questão. Pedidos por problemas de saúde, como diabetes, doenças cardíacas ou

câncer, são mais comuns do que aqueles voltados para o sofrimento mental. Isso me leva a concluir que, de maneira sutil, ainda persiste a ideia de que “cristão e depressão não combinam” ou que “um cristão não pode ter depressão”. E, quando abordamos o assunto em nossos templos, frequentemente o fazemos como se fosse um problema “distante”, restrito àqueles que não conhecem a Deus.

Nesses ambientes, busca-se projetar uma imagem de força constante, mesmo quando a realidade é outra. Por isso, em muitos lugares, admitir que sofremos com estresse, ansiedade ou depressão é visto como um sinal de fraqueza espiritual. Mas será que isso é realmente um sinal de fraqueza ou falta de fé? Estimado líder, convido você a continuar esta leitura com oração e reflexão.

Definição

Alguns autores definem “depressão” como “a doença da tristeza”, pois esse é o sentimento predominante na maioria das pessoas que a vivenciam.¹ A depressão afeta o funcionamento cognitivo, físico, psicológico, comportamental e social, comprometendo o equilíbrio do organismo e gerando apatia na maior parte do tempo.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a depressão é uma doença com causas multifatoriais, que incluem fatores genéticos, ambientais, biológicos e psicológicos. Esses fatores podem ser divididos em dois grupos: (1) fatores internos, como herança genética, estado de saúde, valores e crenças; e (2) fatores externos, como o ambiente em que a pessoa está inserida, incluindo trabalho, relações interpessoais e a sociedade.

De forma simples, podemos dizer que a depressão é uma doença da mente, caracterizada por um estado de abatimento profundo, no qual a pessoa experimenta tristeza intensa e persistente, também conhecida como distímia. Ela perde o interesse pelo futuro, não encontra prazer em atividades cotidianas – um sintoma chamado anedonia – e passa a viver imersa em recordações do passado, desejando voltar a ele, seja para corrigir erros ou reviver momentos felizes.²

Além desses sintomas, a pessoa com depressão pode apresentar dificuldades de atenção e memória, distúrbios do sono, problemas alimentares e, em casos mais graves, pensamentos suicidas. Grande parte do tempo é vivida nesse estado de sofrimento, o que reduz significativamente sua capacidade de estar plenamente presente e consciente.

A depressão não é uma doença recente, mas hoje temos mais facilidade para estudá-la e divulgar informações sobre o tema. As pesquisas realizadas por especialistas e a coleta de dados têm contribuído para a conscientização sobre a importância da prevenção e para o oferecimento de ferramentas no tratamento da doença.

Segundo a Organização Mundial da Saúde, quase 4% da população mundial sofre de depressão.³ E o número de crianças e adolescentes com esse tipo de transtorno tem aumentado de forma alarmante, trazendo sérias implicações para o bem-estar das futuras gerações.

Depressão em Israel

A Bíblia registra a história de diversos personagens que passaram por estados depressivos, cada um com suas particularidades. Um deles foi um líder muito amado, cuja relação com Deus era especial. Poucos personagens bíblicos receberam palavras tão elogiosas da parte de Deus como ele. Ainda jovem, realizou grandes feitos, tornando-se rapidamente conhecido dentro e fora de Israel. Esse homem era Davi, filho de Jessé, descrito como um homem segundo o coração de Deus (At 13:22).

Davi possuía muitas qualidades dignas de imitação, mas a Bíblia não esconde os momentos difíceis que ele enfrentou. Alguns foram consequência de suas más decisões, enquanto outros foram provocados por fatores externos. Em um dos períodos mais desafiadores de sua vida, Davi, o grande salmista, pastor e “capelão” de Israel, abriu seu coração a Deus. Buscando aliviar sua dor e encontrar consolo, ele expressou seu lamento no Salmo 42, deixando transparecer sintomas de uma possível depressão. Além de seu sofrimento interno, ele ainda teve que lidar com a zombaria e o questionamento de seus inimigos, que “o insultavam com o pior de todos os insultos, dando a entender que o Deus em quem Davi confiava sequer estava preocupado com seu bem-estar”⁴

Observe estes versos: “As minhas lágrimas têm sido meu alimento dia e noite” (v. 3); “Por que você está abatida, ó minha alma?” (v. 5); “Por que Te esqueceste de mim?” (v. 9). Essas expressões indicam um estado depressivo, mas não devemos nos limitar a esse ponto. Por meio desse salmo, Deus nos ensina grandes lições, e relacioná-las à saúde mental como forma de prevenção é essencial. Na narrativa, encontramos um salmista que consegue identificar aquilo que o aflige, pratica a auto-compaixão, expressa seus sentimentos sem receio de seus inimigos e mantém sua esperança inabalável em Deus. Permita-me explicar brevemente cada um desses aspectos.

Identificar as causas do problema. Ao expressar: “A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo. Quando irei e me apresentarei diante da face de Deus? As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite” (Sl 42:2, 3), Davi identifica a razão de sua tristeza e abatimento e, acima de tudo, reconhece sua profunda necessidade de Deus. Saber identificar o que nos faz mal e buscar limitar ou eliminar sua influência é essencial para nossa saúde mental e espiritual.

No caso da depressão, é crucial reconhecer seus sintomas, pois podem ser confundidos com outras condições de saúde. Além disso, a duração do estado depressivo é um fator determinante para sua correta classificação e para a busca do tratamento adequado.

Falar sobre seus problemas com as pessoas certas e profissionais adequados. “As minhas lágrimas têm sido o meu alimento dia e noite, enquanto me dizem continuamente: ‘E o seu Deus, onde está?’” (Sl 42:3). O relato mostra que as pessoas ao redor do salmista eram seus inimigos e, ao perceberem sua dor e fragilidade, hostilizavam-no e o questionavam constantemente. Isso nos ensina a importância de nos cercarmos das pessoas certas. Em momentos de sofrimento mental, estar acompanhado por aqueles que nos fortalecem pode fazer toda a diferença na nossa recuperação.

Além disso, buscar ajuda de profissionais de saúde mental é essencial para nos afastarmos de ambientes tóxicos e encontrarmos o suporte adequado. Hoje, há diversos profissionais cristãos qualificados para ajudar aqueles que enfrentam desafios emocionais e espirituais.

Ter compaixão por nós mesmos. “Por que você está abatida, ó minha alma? Por que se perturba dentro de mim?” (Sl 42:5). A autocompaixão, longe de ser um sinal de fraqueza, nos lembra do cuidado e do respeito que devemos ter por nós mesmos. Atualmente, psicólogos ao redor do mundo têm aplicado essa abordagem terapêutica.

Ser amáveis conosco, sem nos submetermos a uma autocrítica excessiva, reconhecendo nosso sofrimento sem carregar vergonha ou culpa por chorar ou sentir dor, fortalece nossa resiliência e nos ajuda a evitar o isolamento.⁵

Desenvolver a autocompaixão nos leva a compreender a importância do autoconhecimento. Enrique Rojas afirma que aquele que se conhece bem desenvolve uma personalidade madura, o que representa um antídoto eficaz contra a depressão.⁶

Esperar em Deus. No início, mencionei irmãos que resistem a acreditar nos danos que a depressão pode causar na vida do cristão. Agora, quero falar sobre aqueles que já foram derrotados por essa doença – abatidos e quebrados a ponto de acreditarem que apenas a morte poderia libertá-los do sofrimento. Acredite quando digo que é devastador ouvir líderes e profissionais da nossa igreja confessarem que tinham planos suicidas bem elaborados, apenas esperando a oportunidade para executá-los.

Mas por que pensar na morte, se conhecem a Deus? Um cristão pode ter pensamentos suicidas? Sim, porque, apesar da fé, ele continua sendo um ser humano, sujeito às mesmas dificuldades que qualquer outra pessoa. E quando a mente adoce, a depressão pode agir de forma silenciosa e devastadora.

Mas você sabe por que muitos não concretizam esse ato? Por causa da fé em Deus. Eles acreditam que o sofrimento não será eterno e encontram esperança nas palavras do Salmo 42:5: “Espere em Deus, pois ainda O louvarei, a Ele, meu auxílio e Deus meu!”

Você já precisou esperar em Deus em um momento difícil? Já enfrentou uma situação de profunda angústia? Eu sim. E sei que você também. Talvez não com a mesma intensidade ou nas mesmas circunstâncias de Davi ou das pessoas que mencionei, mas todos, em algum momento, atravessamos um deserto ou enfrentamos mares revoltos. O que fará a diferença? Nossa fé. E essa fé se revela na capacidade de esperar em Deus.

Em alguns momentos, é verdade, o acompanhamento profissional será necessário. Não adie a busca por ajuda, nem subestime a seriedade da depressão. Mas tenha sempre a certeza de que estamos nas mãos do Médico dos médicos.

Conclusão

Passar por momentos de angústia, depressão e dor não significa que nossa fé é fraca ou deficiente. Jesus nos alertou que enfrentaríamos tribulações (Jo 16:33), e é exatamente nesses momentos que precisamos nos aproximar ainda mais de Deus e depositar Nele a nossa confiança (Mt 11:28-30).

Precisamos levar a sério o cuidado com nossa saúde mental e investir na prevenção, pois “nossa mente é o único meio pelo qual Deus pode nos falar, seja audivelmente ou por meio de impressões”.⁷ Busquemos ajuda nos lugares certos, com profissionais capacitados, e tratemos com compaixão aqueles que estão enfrentando tempos difíceis. ■

Referências

- 1 Enrique Rojas, *Adiós Depresión* (Madrid: Ediciones Planeta, 2006), p. 1.
- 2 Héctor Pérez-Rincón, “La Anhedonia”, *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental* 17 (2014), p. 827.
- 3 Dados de 2024 divulgados pela Organização Mundial da Saúde (OMS), disponível em: <link.cpb.com.br/667ee1>, acesso em 26/3/2025.
- 4 Francis D. Nichol (ed.), *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2012), v. 3, p. 828.
- 5 Paul Gilbert, *Terapia Centrada en la Compasión* (Paris: Descée de Brouwer, 2015), p. 18.
- 6 Rojas, *Adiós Depresión*, p. 15.
- 7 Timothy Jennings, *Así de Simple* (Florida: Aces, 2018), p. 29.





Ivelise Fonseca

advogada, coordenadora do curso de Direito do Unasp, campus Engenheiro Coelho

DIVÓRCIO E SUCESSÃO PATRIMONIAL

Embora a Igreja Adventista reforce o compromisso com o casamento, o divórcio é uma realidade que os pastores frequentemente enfrentam em suas comunidades. A Constituição Federal de 1988 (art. 226, §6º) simplificou o divórcio ao eliminar a exigência de separação prévia, permitindo que o casal dissolva a união diretamente.

Desde a Emenda Constitucional nº 66/2010, não há mais exigência de tempo mínimo de separação para a concessão do divórcio. Ao aconselhar os fiéis que enfrentam essa situação, o pastor deve esclarecer que há duas formas principais de divórcio:

1 *Divórcio consensual*: quando ambas as partes concordam com os termos da separação, podendo ser realizado em cartório, desde que não haja filhos menores (Lei nº 11.441/2007).

2 *Divórcio litigioso*: quando há conflitos em relação à partilha de bens, guarda de filhos ou pensão alimentícia, sendo necessário recorrer ao Judiciário.

A presença do pastor pode auxiliar no diálogo entre as partes, promovendo uma solução menos traumática e

mais harmoniosa para todos os envolvidos. Afinal, o divórcio causa danos inenarráveis à convivência familiar. Ainda assim, o pastor pode ajudar a minimizar os efeitos colaterais, promovendo o diálogo, o respeito e a preservação da imagem.

Quando há filhos envolvidos, é essencial reforçar que a paternidade e a maternidade não se rompem com o fim do casamento. A comunidade de fé também pode desempenhar um papel de apoio, oferecendo acolhimento e amparo à família, independentemente do motivo da ruptura matrimonial.

Planejamento sucessório e testamentos

A sucessão patrimonial é outro tema de grande relevância para as famílias adventistas. Muitos fiéis desconhecem a importância do planejamento sucessório, o que pode gerar disputas judiciais e desentendimentos familiares. O Código Civil (art. 1.784) determina que, com o falecimento do titular, a herança se transmite automaticamente aos herdeiros legítimos.

O testamento é um documento essencial para evitar conflitos sucessórios. Ele pode ser público, particular ou cerrado (art. 1.862 a 1.886 do Código Civil), permitindo que o titular expresse sua vontade e destine seus bens de maneira justa.

Além disso, a legislação estabelece que 50% do patrimônio deve ser obrigatoriamente destinado aos herdeiros necessários (descendentes, ascendentes e cônjuges), sendo possível dispor livremente apenas dos outros 50% (art. 1.789, Código Civil). Muitos adventistas desejam deixar parte de seus bens para a igreja, e o pastor pode orientá-los sobre a importância de formalizar essa decisão juridicamente.

O planejamento sucessório previne conflitos desnecessários e promove o bem-estar familiar. Além disso, protege os envolvidos contra situações de violência patrimonial, abusos contra idosos e fraudes relacionadas à herança. Embora a legislação brasileira ofereça diretrizes claras para a proteção das famílias, é essencial que os pastores incentivem seus fiéis a buscar orientação profissional para questões mais complexas. ■



Bíblia de Estudo Arqueológica

Safeliz / CPB, 2024, 1.975 p.

Agora disponível em português, esta obra apresenta o texto bíblico na Nova Versão Internacional (NVI) e inclui cerca de 700 artigos escritos por mais de 80 estudiosos sobre descobertas arqueológicas que confirmam e contextualizam as Escrituras. Cada livro da Bíblia conta com uma introdução detalhada, trazendo informações sobre o autor, os destinatários, o propósito, os temas principais e a estrutura, além de uma seção especial sobre arqueologia. A obra inclui centenas de fotos coloridas, mapas, gráficos, ilustrações e infográficos de templos e cidades. Os recursos interativos oferecem links com QR Codes para mais de 130 vídeos e artigos atualizados. Um atlas cronológico e um índice completo facilitam a pesquisa e a navegação.



Cómo el pensamiento cristiano ha sido condicionado por la filosofía: y cómo puede dejar de serlo

Raúl A. Kerbs
Editorial UAP, 2023, 581 p.

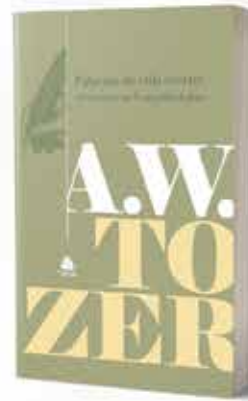
Esta obra analisa como a teologia cristã adotou influências da filosofia grega, da ciência e da filosofia modernas desde o século II até a teologia pós-moderna. Argumenta-se que não foram apenas conceitos isolados absorvidos, mas as pressuposições fundamentais que moldam o pensamento humano, contaminando toda a teologia cristã. Com base no princípio *sola Scriptura*, o autor propõe uma filosofia bíblica que permita desenvolver a teologia exclusivamente a partir da Bíblia, avaliando os conhecimentos auxiliares (história, linguística, arqueologia, etc.) à luz das Escrituras.



El desarrollo de la doctrina de la Trinidad en la Iglesia Adventista

Walter E. Steger
Editorial UAP, 2024, 118 p.

Muitos se surpreendem ao saber que os pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia rejeitaram a doutrina da Trindade nas primeiras décadas da denominação. Alguns usam isso como argumento para rejeitá-la hoje, mas é essencial entender por que os pioneiros não a aceitavam e como essa crença foi introduzida na igreja. Este livro investiga essa questão por meio da análise das declarações adventistas sobre a Trindade entre 1844 e 1946, explicando a rejeição inicial e a posterior aceitação. Também examina o papel de Ellen White nesse processo e as razões para a lenta adoção dessa doutrina.



Palavra de vida eterna: 10 sermões no evangelho de João

A. W. Tozer
Hagnos, 2025, 240 p.

Este livro explora temas como a divindade de Cristo, o novo nascimento e o poder do Espírito Santo. Com clareza teológica, o renomado pastor e teólogo convida o leitor a desenvolver uma fé autêntica e transformadora, indo além do conhecimento intelectual. Mais do que um estudo bíblico, a obra é um chamado para uma vida cristã plena. Essencial para pastores, líderes e cristãos em busca de um relacionamento mais profundo com Deus, o livro oferece reflexões valiosas sobre o evangelho.



Eric Richter
Editor da *Ministério*,
edição da Aces



MINISTÉRIO PARA AS NOVAS GERAÇÕES

O ministério da capelania educacional tem uma origem relativamente recente na Igreja Adventista. Inicialmente, os capelães exerciam seu ministério quase exclusivamente em instituições de saúde. Nos Estados Unidos, alguns também atuavam nas forças armadas, prestando atendimento pastoral às unidades militares.

A partir da segunda metade do século 20, as instituições educacionais adventistas começaram, de forma lenta, mas gradual, a estabelecer capelães para ministrar aos estudantes e seus familiares. No início, havia a percepção de que um capelão era um “pastor de segunda categoria”, como se pastorear um distrito conferisse um status “superior”. No entanto, nada poderia estar mais distante da verdade. Nos tempos bíblicos, por exemplo, ministrar a crianças, adolescentes e jovens era uma das principais responsabilidades de líderes de destaque.

Samuel dedicou grande parte de seu ministério ao estabelecimento das escolas dos profetas, onde adolescentes e jovens eram formados para se tornarem líderes espirituais (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas* [CPB, 2022], p. 524-532). Profetas importantes deram continuidade a

esse legado, concentrando-se na preparação das novas gerações para uma vida de serviço a Deus. Elias (2Rs 2:1-12) e Eliseu (2Rs 4:1-7), por exemplo, trabalharam para fortalecer essas instituições educacionais no antigo Israel.

No período do Novo Testamento, Jesus foi o maior exemplo de ministério voltado às novas gerações. Ele ministrou, discipulou e treinou um grupo de 12 jovens. Entre os apóstolos, apenas Pedro é mencionado como casado (Mt 8:14), e, mesmo nesse caso, isso não indica necessariamente que ele fosse mais velho, pois a Mishná afirma que um judeu já estava pronto para o casamento aos 18 anos (*Avot* 5.21). Alguns dos discípulos ainda viviam com seus pais, como Tiago e João (Mc 1:19, 20). No judaísmo, os jovens estavam aptos para estudar com um mestre do Talmude a partir dos 15 anos (*Avot* 5.21), o que sugere que a maioria dos discípulos não ultrapassava muito essa idade.

Além disso, diversas histórias mostram que crianças e adolescentes eram uma audiência constante de Jesus em Suas viagens e visitas pelas aldeias e cidades da antiga Palestina. Exemplos disso incluem a alimentação dos 5 mil (Jo 6:1-15) e dos 4 mil (Mt 15:32-39), a explicação sobre o Reino dos Céus (Mt 18:1-6), a bênção das crianças (Mt 19:13, 14), a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém e a purificação do templo (Mt 21:1-17), entre outros episódios.

“
**Jesus foi o
maior exemplo
de ministério
voltado
às novas
gerações.**
”

O ministério às novas gerações permeia toda a Bíblia, evidenciando a importância do cuidado pastoral e da capacitação missionária de crianças, adolescentes e jovens. Longe de ser secundário, esse trabalho é essencial. Os jovens e as crianças não são apenas o futuro da igreja, mas também seu presente, trazendo vitalidade e movimento. Por isso, seu preparo espiritual e missionário deve ser uma prioridade.

Ellen White escreveu: “Nenhuma obra empreendida pelo ser humano requer maior cuidado e habilidade do que o devido ensino e a educação dos jovens e das crianças” (*Orientação da Criança* [CPB, 2021], p. 27). Aqueles que atuam no ministério da capelania são verdadeiros pastores, instrumentos de Deus para cuidar espiritualmente e capacitar crianças, adolescentes e jovens a pregarem o evangelho em nossa geração. Eles seguem os passos de Samuel, Elias, Eliseu e outras importantes personalidades bíblicas, incluindo o próprio Jesus, na missão de preparar as novas gerações para o encontro com o Senhor. ■

"Sirvam de boa vontade, como se estivessem trabalhando para o Senhor e não para pessoas"
(Efésios 6:7, NAA).



DIA DO ANCIONATO

LIDERANÇA QUE INSPIRA

28 DE JUNHO